

15º ENCONTRO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Práticas pedagógicas
como reflexão
para a Perspectiva
Educativa Inclusiva



PRAIA GRANDE



Sumário

Educação inclusiva no dia a dia	3
Plano de desenvolvimento comportamental acadêmico	8
COM TEXTO, MUDO MEU CONTEXTO	12
Semana do Surdo “Divulgar para Conscientizar”	15
Sala regular e Atendimento Educacional Especializado, ambientes integrados para o processo inclusivo	19
INCLUSÃO DE DOCENTE COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA	22
Meu futuro está em minhas mãos	27
Comunicação entre a equipe para uma rotina de sucesso com aluno com PC	30
Práticas Inclusivas na Educação Física	34
Comprometimento - a chave do sucesso educacional no desen- volvimento das aprendizagens	37
Práticas na infância - Materiais Sensoriais	41
A Inclusão na Perspectiva das Diferenças: Respeito, Ludicidade e Interdisciplinaridade na Prática Educativa	44
A escola de mãos dadas com a diversidade	49
Ser diferente é normal	52
Ferramentas potencializadoras de elaboração e adaptação de atividades para sala de aula	55



Educação inclusiva no dia a dia

Rosane Aparecida dos Santos Thomaz da Silva
EM Nicolau Paal, Praia Grande, SP, Brasil

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de compartilhar com os demais docentes algumas práticas pedagógicas diárias realizadas no decorrer do ano letivo que foram analisadas e adaptadas para as particularidades do aluno de inclusão com TEA do Infantil II, observando seus gostos e preferências. Essas atividades foram muito importantes para o desenvolvimento pedagógico e social do aluno que ao finalizar o ano letivo teve notória evolução pedagógica, social e comportamental.

Palavras-chave: atividades adaptadas, particularidades, gostos e preferências.

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Entendendo o TEA (Transtorno do Espectro Autista): Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-5 (referência mundial de critérios para diagnósticos), pessoas dentro do espectro podem apresentar déficit na comunicação social ou interação social (como nas linguagens verbal ou não verbal e na reciprocidade socioemocional) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, como movimentos contínuos, interesses fixos e hipo ou hipersensibilidade a estímulos sensoriais. As pessoas autistas partilham de algumas dificuldades, mas cada uma delas será afetada em intensidades diferentes, resultando em situações bem particulares.

As atividades pedagógicas adaptadas foram pensadas e incluídas na rotina diária com o objetivo de desenvolver pedagogicamente e socialmente a criança levando em consideração seus gostos e preferências e observando sempre suas particularidades.

O primeiro passo foi a observação comportamental do aluno. No início do ano letivo, ele mantinha-se distante socialmente dos seus pares. Brincava com um carrinho de brinquedo e pouco interagia com a professora e com as atividades realizadas em sala de aula. Não mantinha contato visual mesmo quando chamado pelo seu nome. Ele também não se sentia confortável ao toque físico. O contato com a família também foi feito para entender melhor o seu comportamento e suas particularidades. Pesquisas e estudos sobre atividades diferenciadas também foram feitas para auxiliar no trabalho que seria desenvolvido. A parceria com o plano de ação também foi importantíssima para a realização dessas atividades.

Pensando no desenvolvimento pedagógico do aluno foram utilizados recursos diversos

com material concreto e atividades diferenciadas, porém, com os mesmos conteúdos realizados pelos outros alunos da sala. Primeiramente foram utilizados o alfabeto móvel e números móveis.

O aluno adaptou-se muito bem com a utilização do material concreto, para a realização de atividades do alfabeto e de numerais, então foram ofertadas atividades com letras móveis em papel colorido e cola. Assim, o aluno conseguiu escrever seu nome e realizar atividades de contagem. Para a quantificação foi ofertado papel crepom para confecção e colagem das bolinhas. Placas desenhadas e confeccionadas em papelão foram utilizadas para que o aluno nomeasse e encaixasse corretamente as figuras geométricas.

Pensando na adaptação do conteúdo e nos interesses restritos do aluno sempre com a finalidade de ajudar a conquistar sua atenção, foi realizada atividade de montagem de figuras coloridas e colagem de sombras para trabalhar a percepção e o raciocínio lógico. O aluno não consegue (por enquanto) transcrever com lápis, lápis de cor ou giz de cera (mesmo assim esses materiais são ofertados uma vez por semana), mas adaptou-se muito bem com a utilização de tinta guache, canetinha e caneta de quadro branco na lousa. Atividades de coordenação motora e pontilhado também foram trabalhadas de forma adaptadas com material reciclado (papelão), barbante, bolinha de papel crepom, colagens, pintura com cotonete, com dedinhos, com pincel, palito de fósforo, etc.

Na rotina diária, o aluno iniciou a contagem das meninas. O mesmo ainda não consegue se incluir na contagem dos meninos. Como estratégia, a realização de contagem em duplas. O aluno transcreve o numeral na lousa e desenha a quantidade de bolinhas (quantificação). Como ainda não consegue pintar com lápis de cor, utiliza, de forma adaptada um carimbo de carrinho para assinalar os dias de aula no calendário utilizado diariamente em sala de aula. Ao final do trimestre, o aluno já consegue realizar essa marcação com a canetinha, não sendo mais necessária a utilização do carimbo. O mesmo ainda realiza a contagem correta do dia e sabe localizar a data atual. Também realiza a leitura do nome do mês vigente.

Algumas crianças com autismo apresentam hiperfoco (interesses restritos e repetitivos, demonstrando um verdadeiro fascínio por tudo que está relacionado ao seu tema de interesse), que no caso do aluno em questão seriam carrinhos de brinquedo.

Foi ofertado um portfólio elaborado em A3 (fornecido pela escola e encadernado) está sendo utilizado para realização de atividades motoras, colagem de números faltantes e agora no 2 trimestre para adaptação do material do PNLD. Através de ampliação das letras pontilhadas com canetinha em formato de pista de corrida para que o aluno ande com um carrinho de brinquedo na "pista" pontilhada e na sequência realize o tracejado com o dedinho e tinta guache ofertados. Dessa forma ele realiza todas as atividades do PNLD de forma adaptada.

A utilização do PNLD foi adaptada para que o aluno consiga acompanhar o conteúdo juntamente com o restante da sala, mas é trabalhado de forma diferenciada através de colagens, tinta guache e na própria lousa onde o livro está sendo "espelhado".

A abordagem da prova foi pensada em uma forma de avaliar o conhecimento do aluno sem prejudicá-lo por suas particularidades e foi trabalhada de forma diferenciada com a

finalidade de observação do conhecimento do aluno nas questões.

O aluno é constantemente incentivado a participar das atividades lúdicas o que ocasionou a evolução da interação socioemocional dele com seus pares. Atualmente o aluno dança, brinca, ri, faz questão de sentar-se perto dos amigos e principalmente diverte-se com os demais alunos. Esse ponto favoreceu o desenvolvimento do aluno em relação a fala. O mesmo não conseguia expressar-se oralmente. Hoje ele consegue expressar seus desejos e sentimentos, gostos e preferências. Nos últimos dias de aula, o aluno fez questão de ficar perto de seus coleguinhas. Ao chegar em sala de aula sempre dava bom dia para a professora e para a profissional que o auxilia no plano de ação, com um beijo e um abraço. Demonstra afeto através de abraços nos colegas, o que foi uma conquista importante para o aluno que não gostava de toque físico no início das aulas. Essas conquistas tornaram-se “grandes” tendo em vista as particularidades do aluno. Essa interação com seus colegas de sala foi de suma importância para o desenvolvimento global do aluno e diante do acompanhamento diário das atividades e observações em sala de aula, foi notória a sua evolução comportamental e pedagógica.

Em relação ao conteúdo didático, ele realiza oralmente a leitura do alfabeto sem dificuldade e também a contagem e quantificação de numerais acima de 30. O aluno consegue acompanhar o conteúdo e as atividades diárias juntamente com seus pares.

Outro ponto importante para que essa evolução acontecesse foi a utilização dos materiais e espaços ofertados pela escola. As adaptações aconteceram de forma mais eficaz para o dia a dia e necessidades diárias.

A autonomia também foi amplamente trabalhada para o desenvolvimento das habilidades de comunicação, cognitiva, social e comportamental. As pequenas conquistas diárias foram celebradas e incentivadas a todo momento.

Outro avanço foi em relação ao desenho estruturado. Como o aluno identificava as partes do corpo porém no 1 e 2 trimestres o aluno não desenhava, foi ofertada a atividade de desenho de forma diferenciada, ele realizou a montagem de boneco com palito de fósforo e massinha de modelar simbolizando a figura dele. No final do 3º trimestre, o aluno conseguiu realizar o desenho estruturado em folha de sulfite com auxílio de canetinha. Um grande avanço da coordenação motora fina.

Meta do Município para a Educação Infantil: Hipótese de escrita: silábico com valor sonoro, reconhecimento e quantificação dos numerais até 30 e reconhecimento do alfabeto, desenho estruturado. Findando o ano letivo, o aluno conseguiu alcançar e também ultrapassar a meta proposta pelo município para sua fase escolar. O aluno encontra-se na hipótese alfabética, onde realiza a leitura de palavras simples e algumas complexas, quantifica e realiza contagem para números acima de 30 e consegue realizar as hipóteses de escrita de forma adaptada. Desenha de forma estruturada. Conseguiu realizar as atividades adaptadas no PNLD e IDEI com excelência (dentro de suas particularidades) e não menos importante que a parte pedagógica, ele conseguiu socializar com seus pares, professora e plano de ação. Expressa desejos, sentimentos, emoções, gostos e preferências.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM. 5 ed. Washington D/C, 2013. ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA.

GADIA, C.A., Tuchman, R. e Rotta, N.T. (2004). Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento. *Jornal de Pediatria*. Rio de Janeiro: 80 (2 Supl): S83-S94.

GAIATO, Mayra. S.O.S. AUTISMO. 4 Edição. São Paulo: Versos, 2020.

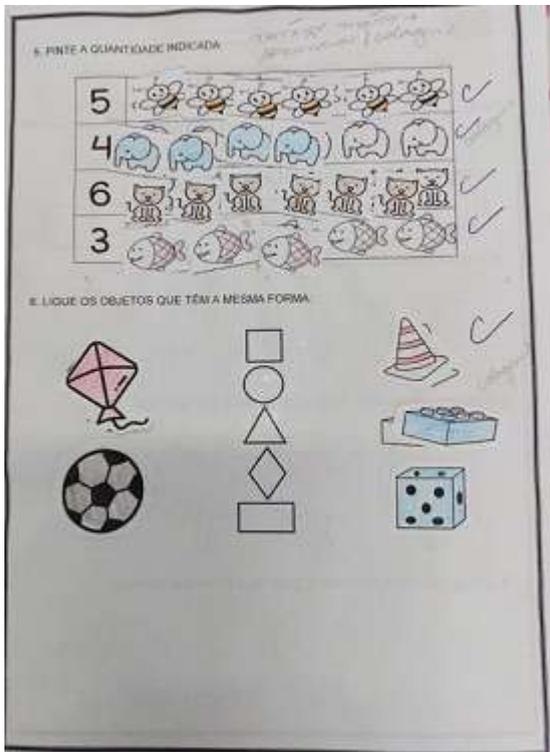
GRANDIM, T. e Scariano, M.M. (1999). *Uma Menina Estranha, Autobiografia de uma Autista*. São Paulo: Companhia das Letras.

KLIN, A. e Mercadante, M.T. (2006). Autismo e transtornos invasivos do desenvolvimento. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. 28 (Supl I): S1-2.

TABACHI, D. (2006). *Mãe, me Ensina a Conversar - Vencendo o Autismo com Amor*. Rio de Janeiro: Rocco.

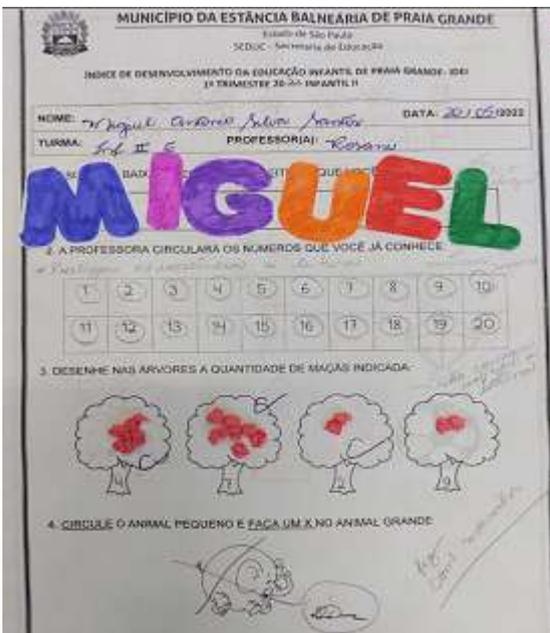


Adaptação do PNLD no portfólio A3 em formato de pista de corrida.



IDEI adaptado – 1 Trimestre

Nome com colagem de letras móveis. Quantificação com bolinhas de papel crepom. Identificação de maior e menor com espelhamento em massinha de modelar. Quantificação com colagem de elementos coloridos. Figuras geométricas com colagem de elementos coloridos.





Plano de desenvolvimento comportamental acadêmico

Aline de Cássia Barros Olimpio

E. M. Sebastião Tavares de Oliveira, Praia Grande, SP, Brasil

Resumo: Este plano foi desenvolvido com base na ciência de Análise do Comportamento e busca ferramentas para diminuir lacunas de aprendizagens nos alunos com deficiência, agravadas pela pandemia e período de ensino remoto, o mesmo foi motivado pelo ingresso de aluno com Síndrome de Down no 2º ano do ensino fundamental I da rede Municipal de Praia Grande e tem como principais objetivos desenvolver e proporcionar autonomia e avanço para demandas acadêmicas e sociais.

Por meio de arranjos ambientais, imitação, reforçadores tangíveis e sociais foi possível observar avanço na interação do aluno com seu meio social e a realização autônoma de demandas acadêmicas, antes não realizadas pelo mesmo.

Palavras-chave: Comportamento. Aprendizagem. Deficiência.

INTRODUÇÃO:

Compreendendo a diversidade e pluralidade em nossa sociedade, a educação inclusiva vem ganhando visibilidade nas últimas décadas e com isso o sistema educacional avança em adaptações necessárias para que este processo ocorra verdadeiramente. Os alunos com deficiência muitas vezes necessitam de um planejamento educacional individualizado que promova condições efetivas de aprendizagem, uma demanda importante para que este planejamento seja executável é incluir um repertório comportamental que favoreça este processo cognitivo. Diante dessa demanda inclusiva e seus desafios para que ela ocorra, destaca-se o período pós-pandemia de retorno totalmente presencial das aulas. Nele recebemos alunos com lacunas de aprendizagem bem como atraso em repertórios importantes para o ambiente educacional. Tratando-se dos alunos público-alvo da Educação Especial e Inclusiva, essas lacunas foram mais expressivas, seja pelos comportamentos disruptivos ou pela apatia nas respostas aos estímulos.

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

A análise do comportamento tem por objeto de estudo o organismo e suas respostas ao ambiente, dentro da psicologia da teoria Behaviorista que tem como precursores John Watson (1878 - 1958), psicólogo americano que defendeu o estudo do comportamento observável e Burrhus Frederic Skinner (1904-1990) foi um psicólogo norte-americano, seguidor do Behaviorismo de J. B. Watson, mas na década de 40, criou o Behaviorismo Radical com uma proposta filosófica sobre o comportamento humano.

PRINCÍPIOS BÁSICOS DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO

Para o desenvolvimento deste projeto foi utilizado como base a obra de BORGES MOREIRA e MEDEIROS (2018 2º edição) "Princípios Básicos De Análise do Comportamento". Este livro aborda temas como reflexo inato, aprendizagem pelas consequências, esquemas de re-

forçamento entre outros conceitos que estudam o comportamento observável.

APLICABILIDADE EM SALA DE AULA

O processo de inclusão exige uma avaliação prévia para nortear as habilidades existentes do aluno com deficiência, bem como suas principais dificuldades e os componentes curriculares a serem trabalhados e a partir destes dados desenvolver o plano de aprendizagem individual que corresponda às características deste aluno.

Conforme descrito no resumo deste artigo, a motivação para o desenvolvimento destas estratégias deu-se através da avaliação de aluno com Síndrome de Down ingressante no segundo ano do ensino fundamental I no ano de 2022, aluno que devido a pandemia não teve a oportunidade de frequentar a educação infantil presencialmente para aquisição de repertórios básicos devido ao período de aulas remotas.

Após a avaliação foi observado que o aluno era totalmente apático à rotina escolar, apresentando recusa para realização de atividades com materiais escolares e necessitando de apoio total para locomoção nos espaços escolares, como filas, refeitórios e sala de aula.

DESENVOLVIMENTO DE ESTRATÉGIAS

As estratégias selecionadas para intervenção no ensino de comportamento responsivo foram:

Avaliação de preferências: nesta avaliação são ofertados possíveis itens de interesse do aluno, como brinquedos, canetinhas entre outros, neste caso específico foi identificado o interesse do aluno por apagar a lousa e recortar papel. Essa avaliação se faz necessária, pois a cada demanda realizada ofertamos o item de interesse do aluno. Esta oferta estimula o aluno a realizar futuras demandas, uma vez que ele compreende que obterá o item de desejo.

Identificação de barreiras de aprendizagem: é fundamental que a demanda solicitada ao aluno seja capaz de ser realizada pelo mesmo. Exemplo: Não posso solicitar ao aluno uma atividade que exija compreensão de numerais se o mesmo ainda não aprendeu este conteúdo, por mais que tenhamos o reforçador de interesse, a criança não é capaz de realizar, logo o reforçador não fará efeito em seu comportamento.

Arranjo ambiental com pares para oportunizar aprendizagem através da imitação: foram selecionadas crianças expansivas em seus comportamentos para estimular o aluno através da imitação, as crianças escolhidas apresentavam o modelo da ação esperada, como levar o caderno para professora, fazer fila, guardar material entre outras ações, ao observar a ação dos colegas o aluno compreendia a ação que era esperada e reproduzia conforme o modelo. Logo, esse comportamento estendeu-se nos ambientes externos da escola favorecendo os momentos de brincar e da educação física que foram protagonizados pelo aluno após aprendizagem pela imitação.

CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos observados, o comportamento faz parte do processo de aprendizagem, logo, se organismo alvo de desenvolvimento não possui repertório apropriado este processo torna-se difícil ou simplesmente não ocorre.

Após as intervenções realizadas utilizando-se dos princípios básicos da análise do comportamento foi possível evocar respostas comportamentais do aluno em relação aos estímulos ofertados e intencionados para estas determinadas respostas.

As estratégias selecionadas favoreceram o avanço de acordo com os principais objetivos permeados na avaliação, que visa a interação social da criança, bem como a realização e engajamento do discente nas tarefas acadêmicas.

REGISTROS OBSERVADOS DURANTE A INTERVENÇÃO:



Evolução no engajamento e aceitação para realização das atividades propostas:

Compreensão e execução de comandos de atividades diárias: fila; banheiro; recreio.





Melhora na interação com seus colegas: (participa de brincadeiras e jogos coletivos): Observa, imita.

Referências bibliográficas:

MOREIRA, M. B.; MEDEIROS, C. A. . Princípios básicos de análise do comportamento. 2. ed. Porto Alegre; Artmed, 201



COM TEXTO, MUDO MEU CONTEXTO

Ariadne Gandra de Amorim Matos
E. M. Vila Mirim, Praia Grande, SP, Brasil

Naira Reyne Costa Andrade
E. M. Vila Mirim, Praia Grande, SP, Brasil

Resumo: Considerando-se a necessidade de trabalhar com as individualidades de cada aluno, principalmente em se tratando de aluno público-alvo da Educação Especial e Inclusiva, as especificidades dos discentes e suas formas de aprendizagem, além da necessária sensibilidade exigida na práxis pedagógica, acolhendo nossos alunos da melhor forma e buscando proporcionar atividades interessantes, atrativas e que despertem a curiosidade, realizamos as propostas descritas neste projeto. Damos ênfase no acolhimento, na observação, no oferecimento de materiais especiais e no respeito ao tempo de cada um, proporcionando atividades diferenciadas e específicas para cada aluno, que fossem atrativas e que dessem apoio ao fazer pedagógico da alfabetização, do raciocínio lógico, do conhecimento de mundo, dando uma base para produções textuais, dentro das possibilidades individuais. O primeiro momento foi de acolhimento e observação dos alunos, avaliando suas necessidades motoras, cognitivas, sociais, emocionais e afetivas. Oferecemos materiais diversos para estímulos e acolhimento, identificando o que foi proveitoso ou não. A partir desta observação estabelecemos a confecção de alguns materiais adaptados e específicos e providenciamos outros já existentes e comumente utilizados. Cada um dos três alunos envolvidos neste projeto apresentou desempenho diferente, conforme será melhor explicado na apresentação do trabalho, confirmando a necessidade de se ter um olhar diferenciado para os discentes e suas especificidades.

Palavras-chave: Individualidade. Acolhimento. Desenvolvimento.

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Com o objetivo de desenvolver a produção textual de maneira a interferir no contexto de vida do aluno, atendendo às especificidades deles, buscamos ter um olhar diferenciado que proporciona sentido ao fazer pedagógico, através de materiais e atividades prazerosas e significativas. Para tanto, primeiro observamos e aprendemos sobre as habilidades e dificuldades apresentadas por cada um deles, incentivando suas habilidades e propondo desafios. Segundo Mantoan "Ambientes humanos de convivência e de aprendizado são plurais pela própria natureza e, por isso, a educação escolar não pode ser pensada nem realizada senão a partir da ideia de uma formação integral do aluno." (MANTOAN, 2003, P. 16).

A utilização de materiais concretos já existentes na escola e a produção de outros materiais foi importante para este trabalho. Adaptamos materiais para inserir os objetos de conhecimento trabalhados, como no caso do uso do Tangram com fichas de ilustrações e

palavras para montagem, material plastificado para desenvolver trabalhos de coordenação motora, conhecimento do corpo humano, letras e números, associação de quantidades, jogos de lógica e memorização, assim como fichas de elaboração de histórias (umas apenas com figuras para encadeamento lógico de uma história e outras com opções de escolhas através de cores para cada tema). A construção de cenários de histórias com blocos lógicos e massinha de modelar também foi um facilitador.

O foco desta obra “decorre da relevância de que o contexto sociocultural em que a pessoa está inserida serve de parâmetro para classificá-la como ‘normal’ e ‘anormal’ e enfatiza o ensino e a escola, bem como as formas e condições de aprendizagem. Essa perspectiva, em vez de procurar no aluno a origem de um problema, define o tipo de resposta educativa e de recursos e apoios que a escola deve proporcionar a esse aluno, para que obtenha sucesso escolar. Por fim, em vez de pressupor que o aluno deve ajustar-se a padrões de ‘normalidade’ para aprender, aponta para a escola o desafio de ajustar-se para atender à diversidade de seus alunos.” (DÍAZ, F. et al, 2009, p. 9)

O desenvolvimento de cada aluno foi bem diferente, devido a fatores pessoais e pela própria individualidade ou nível de comprometimento. Constantemente foi preciso reavaliar as estratégias. “Reinventar nossas práticas e Mentalidades é parte da tarefa do nosso tempo. Tempo de inclusão!” (MANTOAN, 2003, P. 12).

A aluna Allana iniciou com a hipótese de escrita pré-silábica, sem saber o alfabeto e os números até 5 e atualmente lê frases pequenas e escreve na hipótese silábica com valor, oscilando para a hipótese silábica alfabética. Reconhece os números até 50 e associa quantidades até 20, além de fazer operações matemáticas com suporte de material dourado e outros.

O aluno Matheus Santos iniciou o ano conhecendo o alfabeto, com hipótese de escrita pré-silábica e reconhecendo os números até 10, mas hoje reconhece números até 100 e associa a quantidades correspondentes até 20. Sua leitura não é através de sílabas, e sim de fichas de palavras e imagens, apresentando uma escrita silábica com valor, principalmente nas consoantes. Ele não mantém o foco por muito tempo em uma mesma atividade de uso do papel. Elabora histórias oralmente, com sequência lógica.

A aluna Alyne Yara também iniciou o ano na fase pré-silábica, reconhecia apenas algumas letras do alfabeto e números até 10, também não interagia muito com seus colegas e verbalizava somente o necessário, como por exemplo, pedir para ir ao banheiro ou beber água. Por meio da leitura de gravuras a aluna começou a estruturar sua fala, organizar melhor suas ideias, interagir e se soltar tornando-se mais participativa e interessada. Hoje a Alyne faz algumas junções silábicas e já está em processo de desenvolvimento de palavras simples, suas habilidades em relação à matemática são mais aparentes, pois gosta de números e cálculos.

REFERÊNCIAS

DÍAZ, F. et al. Educação inclusiva; Deficiência e contexto social: Questões contemporâneas. Salvador: EDUFBA,2009.

MANTOAN, M. Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo. Moderna. Coleção Cotidiano Escolar. 2003.



Semana do Surdo “Divulgar para Conscientizar”

Eliane Zompero Nunes

E.M. São Francisco de Assis, Praia Grande, SP, Brasil

Me. Renato Rodrigues Paes

E.M. São Francisco de Assis, Praia Grande, SP, Brasil

Resumo: Este artigo tem por objetivo demonstrar ações realizadas por docentes e alunos da Escola Municipal São Francisco de Assis para incentivar a conscientização de todos, surdos e ouvintes, da necessidade de inclusão das pessoas surdas na escola, no mercado de trabalho, no cotidiano, na mídia e na inserção e regulamentação de políticas públicas. As ações executadas culminaram em atividades realizadas na Semana do Surdo.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, surdo, arte, conscientização.

INTRODUÇÃO

No processo de retomada das aulas após o longo período de isolamento causado pela pandemia do Covid-19, as escolas se viram numa situação de receber e acolher os alunos com todo o cuidado durante o retorno às aulas presenciais. Para além do conteúdo programático, entende-se a arte como instrumento primordial de inclusão e complemento no desenvolvimento das aprendizagens ligadas às diferentes áreas de conhecimentos.

Desenvolver as potencialidades dos alunos com deficiência faz com que o professor fique atento às necessidades específicas de cada um deles, permitindo que as superem, com cuidado e sempre atento ao perfil de cada discente.

Segundo Howard Gardner (1995), é importante reconhecer que nem todos os indivíduos têm os mesmos interesses e habilidades.

[...] desenhar em perspectiva, compor rima, realizar experiências químicas, criar um programa de computador. Seria desejável, no melhor de todos os mundos possíveis, que todas as crianças pudessem ter acesso a todas essas atividades. (GARDNER, 1995, p. 167)

O papel do educador é criar um ambiente de aprendizagens elevando a vontade de aprender enquanto um processo prazeroso.

Quando o aluno se interessa por algo, quer descobrir, quer conhecer, quer investigar, quer olhar para todos os lados motivados por uma curiosidade sem fim.

A arte permite tal investigação e o aluno ao descobrir e se descobrir tomado por uma alegria resultante da aprendizagem, descobre o prazer e a conscientização de suas potencialidades.

Vivenciando uma turma de surdos e ouvintes, todos os envolvidos potencialmente desenvolvem esse processo com resultados significativos, como uma via de mão dupla.

A tarefa é criar espaços educacionais onde as diferenças estejam presentes e onde se possa aprender com o outro, sem que aspectos fundamentais do desenvolvimento de qualquer dos sujeitos sejam prejudicados. A escola dispõe de espaços diferenciados, que previamente devem ser preparados e pensados para isso. Não se trata de inserir a criança surda nas atividades propostas para ouvintes, mas de pensar atividades que possam ser integradoras e significativas para surdos e ouvintes. (LACERDA. 2006, Cad. Cedes, p. 183)



DIVULGAR PARA CONSCIENTIZAR

Em cumprimento da Lei 11.796 de 2008, no dia 26/09 comemora-se o Dia do Surdo, relembrando a fundação da primeira escola de surdos do país, o Instituto Nacional da Educação de Surdos.

Para comemorar essa data, os professores envolvidos trabalharam com os alunos do 6º ano B, da escola municipal São Francisco de Assis (polo de DA), que apresentaram um coral com a música "De toda cor", de Renato Luciano. Ao mesmo tempo utilizaram a LIBRAS para sinalizar a letra da canção. Um dos alunos também realizou uma performance durante a execução da música.

A turma também realizou uma releitura teatral do filme "Luzes da Cidade", de Charlie Chaplin, interpretando algumas cenas valendo-se da pantomima característica do ator e diretor.

A apresentação realizou-se na escola, durante a Semana do Surdo, para as turmas dos 6º aos 8º anos, com o intuito de incentivar a participação dos alunos surdos (e consequentemente demais alunos com outras deficiências) em toda e qualquer atividade da escola e da sociedade. Também teve como objetivo estimular a reflexão de todos os envolvidos sobre a necessidade de se criar meios para uma inclusão efetiva de pessoas com deficiência no cotidiano, seja através de políticas públicas e também com a mudança da mentalidade da população em geral.



A arte fortalece a humanidade e tem por essência a renovação, já que ela reflete e termina em si própria. A arte permite a construção e a reconstrução de sentidos, contribuindo para um desenvolvimento do sujeito, para a interação social, agindo e reagindo diante de suas vivências.

Desta forma, o uso da arte como ferramenta propicia a construção de sentido dentro do campo da educação, sempre sensível às particularidades de cada pessoa.

A arte é uma ferramenta de inclusão, porque respeita as diferenças, princípio da dignidade humana.

Ao ter contato com a arte, o aluno pode trabalhar seus sentimentos mais subjetivos e os sentimentos com relação à sociedade que os cerca. A mesma sociedade que por muitas vezes o exclui, e o discrimina devido a preconceitos.

O indivíduo, por meio da arte, pode se expressar demonstrando todo o seu interior e, portanto, sua singularidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Institui o Dia Nacional dos Surdos. LEI Nº 11.796, de 29 de outubro de 2008. Brasília: Senado Federal, 2008.

BRASIL. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). LEI Nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Brasília: Senado Federal, 2015.

BRITO, Lucinda Ferreira. A Língua Brasileira de Sinais. In: RINALDI, Giuseppe (Org.) Educação Especial: Deficiência auditiva. Série Atualidades Pedagógicas. Brasília: SEESP, 1997. Volume III. Fascículo 7. p. 4-80.

COSTA, Robson Xavier da. A Socialização do Portador de Deficiência Mental através da Arte. In: Revista Integração. Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Especial, ano 12, edição especial, pp. 16-19, 2000.

Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais. Unesco, 2005, 32p. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001502/150224POR.pdf>>. Acesso em: 4 de junho de 2012.

GADNER, Howard, Inteligências Múltiplas/ A teoria na prática. Porto Alegre: Editora Artmed, 1995, p. 167

LACERDA, Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 69, p. 163-184. Mai./ ago. 2006.



Sala regular e Atendimento Educacional Especializado, ambientes integrados para o processo inclusivo

Jéssica Santos da Silva

E.M. Leopoldo Estásio Vandeline, Praia Grande, SP, Brasil

Flávia Cecília Carlos Menezes

E.M. Governador Mário Covas, Praia Grande, SP, Brasil

Resumo: A sala regular é um importante meio para alcançar a inclusão. A integração entre a sala regular e o Atendimento Educacional Especializado – AEE é essencial para o sucesso do processo inclusivo. É necessário que os alunos que recebem atendimento especializado possam participar das atividades realizadas na sala regular e que os demais alunos possam compreender e aceitar as diferenças de seus colegas. Outra forma de garantir a integração entre a sala regular e o AEE é a comunicação entre os profissionais das duas áreas. É importante que os professores e outros profissionais da sala regular conheçam as necessidades específicas de cada aluno que recebe atendimento especializado e que os profissionais de A.E.E compreendam as características da sala regular. Além disso, o Plano de Ensino Individualizado (P.E.I), também deve servir como um guia para os professores e outros profissionais da sala regular, de modo que eles possam compreender e atender as necessidades dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação. Desenvolvimento da educanda Ana Júlia Santana para um processo inclusivo.

Palavras-chave: PEI. Comunicação. Integração.

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

A inclusão é um processo que busca promover a participação plena e efetiva de todas as pessoas em todas as esferas da vida. O atendimento educacional especializado (A.E.E.) é um dos principais instrumentos para a realização desse processo. Ele se destina às pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação, bem como àquelas que apresentam dificuldades significativas para o aprendizado escolar.

A sala regular é outro importante meio para alcançar a inclusão. Este ambiente é aquele onde as pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação convivem com alunos que não possuem essas características.

A integração entre a sala regular e o AEE é essencial para o sucesso do processo inclusivo. É necessário que os alunos que recebem atendimento especializado possam participar das atividades realizadas na sala regular e que os demais alunos possam compreender e aceitar as diferenças de seus colegas. Uma boa estratégia para alcançar isso é o uso de atividades interativas que promovam o diálogo entre os alunos.

Outra forma de garantir a integração entre a sala regular e o AEE é a comunicação entre

os profissionais das duas áreas. É importante que os professores e outros profissionais da sala regular conheçam as necessidades específicas de cada aluno que recebe atendimento especializado e que os profissionais de AEE compreendam as características da sala regular.

A integração entre a sala regular e o A.E.E. é fundamental para o sucesso do processo inclusivo. Essa integração deve ser alcançada por meio de ações que promovam o diálogo entre os alunos, o entendimento entre os profissionais das duas áreas e o respeito às diferenças.

Ao entender que o P.E.I. não é somente um plano de intervenção pedagógica e sim também uma chave de comunicação entre os profissionais envolvidos e família, podemos ver como a importância deste documento é grande para o sucesso do processo inclusivo. O P.E.I. deve ser elaborado de forma clara e objetiva, pois é através dele que as informações específicas de cada aluno serão compartilhadas. Além disso, o P.E.I. também deve servir como um guia para os professores e outros profissionais da sala regular, de modo que eles possam compreender e atender as necessidades dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação.

Entendemos que essa troca faz com que as práticas inclusivas sejam realizadas de forma mais efetiva. Assim, é possível que todos os alunos possam ter acesso ao ensino de qualidade e participar de forma plena da vida escolar.

Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças, ou seja, é a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção.

ILUSTRAÇÕES



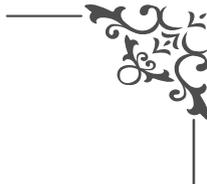
REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF. Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Plano Nacional de Educação (PNE). Lei Federal n.º 10.172, de 9/01/2001. Brasília. MEC, 2001c.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar – O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo. Summus, 2015.



INCLUSÃO DE DOCENTE COM DEFICIÊNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

GILBERTO CORRÊA PALACIOS MOYANO

E. M. Thereza Magri, Praia Grande, SP, Brasil.

Resumo: Desenvolvimento das aulas de educação física escolar ministrada por professor cego. Produzir conteúdo adaptativo para as aulas de educação física escolar que dê condições para o professor com deficiência visual, conseguir conduzir as atividades

Palavras-chave: Aceitação. Adaptação. Superação.

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Me chamo Gilberto Moyano, e possuo deficiência visual de nascença em decorrência de uma catarata congênita.

Sempre fui envolvido nos esportes, tendo começado no Jiu-Jitsu aos 13 anos, e no Judô aos 14, o que me ocasionou o sonho de cursar Educação Física, o que só pude iniciar aos 30 anos, e concluir, devido a algumas dificuldades, aos 37.

Em 2020 prestei o concurso e fui aprovado para professor de Educação Física na cidade balneária de Praia Grande. Fui convocado em janeiro de 2022, logo após o fim da pandemia do Covid-19.

No primeiro encontro com a diretora Emileni Correia Beato e a assistente técnico-pedagógica (ATP) Rosângela de Oliveira Matos, elas não apenas me acolheram muito bem, sem colocar qualquer obstáculo para que eu assumisse o cargo, mas, muito pelo contrário, mesmo sem ter tido a experiência de terem trabalhado com uma pessoa com deficiência na docência, colocaram-se à disposição para ajudar no que eu precisasse, demonstrando não apenas entendimento mas capacidade para aplicação plena das Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica.

A educação é o principal alicerce da vida social. Ela transmite e amplia a cultura, estende a cidadania, constrói saberes para o trabalho. Mais do que isso, ela é capaz de ampliar as margens da liberdade humana, à medida que a relação pedagógica adote, como compromisso e horizonte ético-político, a solidariedade e a emancipação.

(Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica / Secretaria de Educação Especial – MEC, SEESP, (2001, p. 5.)

Da mesma forma, a equipe diretiva mostrou-se perfeitamente apta para o cumprimento do disposto no Parecer CNE/CEB 17/2001, que dispõe que

atenção especial deverá ser dispensada à preparação de todos os professores para que exerçam sua autonomia e apliquem suas competências na adaptação dos programas de estudos e da pedagogia, a fim de atender às necessidades dos alunos e para que colaborem com os especialistas e com os pais.

(CNE/CEB PARECER 17/2001 - HOMOLOGADO. Despacho do Ministro em 15/8/2001, publicado no Diário Oficial da União de (17/8/2001, p. 6.)

O mesmo documento dispõe ainda, quanto ao corpo discente, que uma atenção especial às necessidades de alunos com deficiências graves ou múltiplas, já que se assume terem eles os mesmos direitos, que os demais membros da comunidade, de virem a ser adultos que desfrutem de um máximo de independência. Sua educação, assim, deverá ser orientada nesse sentido, na medida de suas capacidades
(CNE/CEB PARECER 17/2001 - HOMOLOGADO. Despacho do Ministro em 15/8/2001, publicado no Diário Oficial da União de (17/8/2001, p. 6)

e que

entende-se por inclusão a garantia, a todos, do acesso contínuo ao espaço comum da vida em sociedade, sociedade essa que deve estar orientada por relações de acolhimento à diversidade humana, de aceitação das diferenças individuais, de esforço coletivo na equiparação de oportunidades de desenvolvimento, com qualidade, em todas as dimensões da vida.

(CNE/CEB PARECER 17/2001 - HOMOLOGADO. Despacho do Ministro em 15/8/2001, publicado no Diário Oficial da União de 17/8/2001, p. 8)

Se já está ocorrendo, embora ainda haja muito a se fazer, um salto na inclusão dos discentes com deficiência, maior ainda é o desafio para a inclusão dos docentes com deficiência. Há um certo tabu quanto à plena capacidade de docentes com deficiência para lidar com os discentes, notadamente as crianças menores, mas isso se resolve com qualificação e estrutura, e contribui poderosamente para a construção do convívio social baseado no respeito e na colaboração mútua, em que todos têm algo para tanto para receber como para oferecer. Em meu caso específico, pretendo ajudar os alunos com a minha experiência de vida, ensinando valores, esperança e perseverança, que se nos esforçarmos podemos alcançar os nossos sonhos.

Essa intenção é fundamentada nos incisos I e II do Artigo 13 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que determinam que “os docentes incumbir-se-ão de

- I - participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- II - elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino.

Portanto, não é o aluno que se amolda ou se adapta à escola, mas é esta que, consciente de sua função, coloca-se à disposição do aluno, tornando-se um espaço inclusivo.
Lei nº 9.394, de (20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.)

Neste contexto, a diretora Emileni, a equipe diretiva e o corpo docente da E. M. Thereza Ma-

gri colocaram em prática essas diretrizes em relação a mim, de modo que em parte eu me adaptei à escola, e em parte, esta adaptou-se a mim.

Comecei a lecionar na E. M. Thereza Magri em 7 de fevereiro de 2022. E para a minha sorte, a ATP Rosângela chamou o ATP de Educação Física André Luís da Costa Marques para me orientar nessa nova empreitada, para mim e também para eles.

O ATP André também vinha das artes marciais e sabia como era o meu processo de conduzir as aulas, e com isso me deu valiosas sugestões sobre como proceder para o desenvolvimento das atividades.

Nos primeiros dias resolvemos ficar nas salas e nos apresentarmos para os alunos, combinando vários procedimentos de conduta, por exemplo eles trazerem as garrafinhas de água, virem de tênis, pedirem para tomar água e ir ao banheiro, e em cada ocasião dizerem os nomes, para que eu soubesse quem estaria saindo da quadra ou da sala, e que também me avisassem e dissessem o nome quando voltassem.

Nessas conversas deixamos claro para eles que eu que seria seu professor, que a minha deficiência era evidentemente perceptível por todos e que isso não dificultaria nem muito menos impediria o nosso trabalho junto.

Deixei-os à vontade para fazerem perguntas e tirarem dúvidas, quaisquer que fossem.

Eu estava preparado e esperei muitas perguntas, e até alguns questionamentos, mas as perguntas foram poucas, sobre como que eu me vestia, calçava o tênis e banho, já que eu não enxergava. Fui respondendo a essas curiosidades deles, mas não tive nem uma questão relacionada propriamente às nossas práticas da aula.

Tivemos a ideia de escolher um ajudante em cada aula, para me auxiliar. Isso deu muito certo, pois eles ficaram muito animados e empolgados com essa prática, e com o tempo mudei a escolha para dois alunos, um menino para levar a fila dos meninos, e uma menina para levar a fila das meninas.

Nos primeiros dias o ATP André ficou me auxiliando nas aulas, mas como ele tinha muitas outras escolas para dar suporte, não conseguiu continuar conosco por muito tempo. E no meu segundo dia de aula na quadra, acabei dando as aulas sozinho.

Nos dias em que o ATP André não podia ir, às vezes, quando possível, a própria diretora ficava na quadra, observando, para me ajudar no que eu precisasse. A ATP Rosângela fazia o mesmo, e quando nenhuma delas podia, uma das atendentes de educação, que quando estava sem alunos, também me ajudava.

As semanas foram se passando e o ritmo foi normalizado, e as pessoas não tinham mais tempo livre para me dar suporte na quadra.

Ainda enfrentávamos a questão de que as crianças estavam voltando para a escola depois de quase dois anos afastadas pela pandemia, e para muitos, aquele era o primeiro contato com a escola depois dessa lacuna educacional e social. Esse momento foi delicado, pois elas estavam com a coordenação motora, lateralidade, equilíbrio e noção espacial bem comprometidos, o que requer maior atenção e planejei práticas específicas para essas necessidades.

Ainda nesse período de experimentação, preferi desenvolver mais atividades que os alunos não ficassem muito longe de mim, pois com isso eu poderia ter um controle maior e me-

Ihor do que estava acontecendo.

Acabei desenvolvendo muitas atividades de roda, ou de fila, utilizando a bola guizo, para que eu pudesse acompanhar o movimento deles na atividade.

Uma ideia, dada pelo André, foi de uma corda sonora, produzida a partir de pedaços de bambolês velhos, com uma corda fina passando por dentro deles. A corda ficou sonora, e bem colorida. Deu muito certo, e as crianças gostaram tanto que só queriam brincar com essa corda sonora. Nesse período, o máximo que eu os soltava, e por orientação do André, era na brincadeira de pega-pega, durante a qual, e após todas as recomendações para que eles não se machucassem, eu ficava no meio da quadra, e realizava a brincadeira somente na metade da quadra, para ter melhor controle deles. Com o tempo, fomos realizando atividades de chutes a gol e brincadeiras semelhantes, sempre visando ter os alunos mais próximos de mim.

Surgiu a ideia de solicitar para a Secretaria Municipal de Educação uma pessoa para me auxiliar, pois eu queria fazer mais atividades que deixassem as crianças mais livres, e com isso conseguiria ampliar o leque de possibilidades.

Cerca de um mês depois de nossa solicitação, a SEDUC conseguiu uma pessoa para nos atender. E nos enviou Carlos Alberto dos Santos, que imediatamente se tornou para nós o Seu Carlos. Ele havia sido inspetor de alunos em outra escola e, segundo suas próprias palavras, sempre teve o sonho de trabalhar com esporte, o que conseguiu realizar conosco. O auxílio de Seu Carlos em nossas aulas é muito relevante, pois ele me ajuda a organizar as crianças nas filas, separando os grupos quando necessário, além de me ajudar a dispor os materiais para realizarmos as atividades.

Depois da chegada do Sr. Carlos, em meados de março, conseguimos ampliar os conteúdos das aulas, como deixar a quadra toda para um pega-pega, fazermos jogos de queimada, pega-cone, circuitos, mãe da rua, futebol, corrida de revezamento, atividades de basquetebol, amarelinha e jokenpô, entre muitas outras.

Em agosto, conseguimos emprestar de outra escola placas de tatame, onde pude desenvolver práticas de lutas, pois sempre entendi que as crianças devem receber ensino de amortecimento, para que não se machuquem ao cair.

Tenho experiência de mais de vinte anos como professor de Jiu-Jitsu, sendo a primeira pessoa com deficiência visual no mundo a conquistar a faixa preta na modalidade, em 2008, estando perfeitamente apto a ensinar às crianças alguns fundamentos das artes marciais que as ajudem a amenizar as consequências dos muitos e inevitáveis tombos dessa idade.

Nos últimos meses do ano, planejei e apresentei projetos no 15º Encontro de Educação Inclusiva e na 16ª Mostra de Educação Física. Essa oportunidade foi muito gratificante, pois me proporcionou apresentar um pouco do trabalho que estávamos conseguindo desenvolver com as crianças neste meu primeiro ano como docente de Educação Física.

Quanto às avaliações, no primeiro trimestre fizemos uma atividade de redação, com a proposta de os alunos explicarem a diferença entre esporte e brincadeiras.

No segundo trimestre pedi para eles fazerem mais uma redação, agora com o tema "Conduta nas aulas de Educação Física". Fiz uma preleção antes, explicando o que significava a

palavra “conduta”, e pedi para relacionarem cinco atitudes boas e cinco atitudes ruins em nossas aulas, e que explicassem o motivo dessas atitudes serem consideradas boas ou ruins.

No terceiro trimestre, como avaliação fizemos uma prova com dez questões sobre a Copa do Mundo de Futebol, e duas semanas antes lemos para eles em sala, um artigo sobre curiosidades das copas.

No último trimestre repassamos alguns jogos e brincadeiras, para podermos comparar o desenvolvimento deles, quando pudemos perceber a grande evolução da coordenação motora, lateralidade, equilíbrio, etc., além de uma melhor interação entre os colegas, aumentando e fortalecendo os vínculos sociais.

Resultados observados: maior atenção dos alunos, melhora no comportamento geral e um excelente acolhimento das práticas propostas.

REFERÊNCIAS

CNE/CEB. PARECER 17/2001 - HOMOLOGADO. Despacho do Ministro em 15/8/2001, publicado no Diário Oficial da União de 17/8/2001, Seção 1, p. 46.

Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

Ministério da Educação. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica / Secretaria de Educação Especial – MEC, SEESP, 2001.



Meu futuro está em minhas mãos

Karina Mariane Haufe
E.M Oswaldo Justo, Praia Grande, SP, Brasil

Celina Márcia Souza Nascimento
E.M Oswaldo Justo, Praia Grande, SP, Brasil

Resumo: Em uma sala de Educação Infantil no Município de Praia Grande, o aluno João Vitor, com deficiência visual desde o nascimento, solicitou-me através de um vídeo de apresentação dos alunos seu desejo em aprender a ler e escrever. Como estávamos em pandemia de forma remota, confeccionei um material para que ele pudesse estudar em casa por vídeo chamada, iniciou as primeiras sílabas em Braille e depois deu continuidade ao processo de alfabetização até o final do primeiro ano. Com o aprimoramento dos materiais passou a utilizar outros recursos, como a reglete e máquina de escrever em Braille. Conseguindo assim, finalizar o ano letivo lendo e escrevendo em Braille, acompanhando toda a sala nas atividades diárias.

Palavras-chave: Alfabetização. Atividades. Braille.

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Iniciei o ano letivo onde as aulas eram de forma remota devido a pandemia do COVID-19, pois ainda não tínhamos uma estrutura de EAD.

A fim de conhecer os alunos e saber de suas expectativas para ano letivo, solicitei que cada família fizesse uma apresentação de seu filho, sendo por vídeo ou por áudio.

Aos poucos todos os arquivos chegaram, quando veio a apresentação em um vídeo do aluno João Vitor, com deficiência visual desde o nascimento, onde ele deixa claro os seus conhecimentos das letras do alfabeto separando por vogais, consoantes e também os números. Incluindo as suas expectativas de aprender a ler e escrever, pois gostava muito de estudar.

Neste momento tive uma conversa com a mãe para saber sobre sua disponibilidade de tempo, conhecimento prévio sobre o Braille e interesse em corresponder às expectativas do filho, já que deveríamos iniciar um trabalho onde necessitava de sua ajuda pois ele não estava na escola e precisava desenvolver habilidades motoras e auditivas para prepará-lo para leitura e escrita alfabética em Braille.

Preparei materiais para dar início a alfabetização, através de um caderno com as celas em Braille, com os pontos em relevo e ao mesmo tempo as letras em EVA que ele já tinha conhecimento prévio. Paulo Freire (2008), afirma que a inclusão, enquanto forma de flexibilizar a resposta educativa de modo a fornecer uma educação básica de qualidade a todos os alunos, tem sido apontada como uma solução para o problema de exclusão.

Quando João decorou as celas das vogais e a consoante B, iniciamos o processo da leitura por vídeo chamada. Foi um dia muito especial e desafiador pois leu a primeira pala-

vra, entendendo assim o processo. Após este dia, aumentou seu repertório de consoantes, podendo assim, ler mais palavras e frases.

No momento que retornamos à escola de forma presencial e demos continuidade ao processo de alfabetização, onde eu só fazia atividades com a classe que eu podia adaptar para o João Vitor, pois assim de fato existiria a inclusão na sala de aula. Tive que me reinventar para incluir. "Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças". (MANTOAN, 2009).

Os alunos também aprendiam junto com João, através do alfabeto em Braille que estava na parede da sala e adoravam aprender aquele conteúdo, daquela forma também. Durante o ano letivo de 2021, no infantil 2 e no primeiro ano em 2022, desenvolvi materiais concretos e atividades em papel das mais variadas formas, texturas e tamanhos, a fim de desenvolver habilidades com as mãos e aprimorar cada vez mais seu tato, para conseguir ler e ter força nas mãos para escrever. Utilizei a reglete positiva e a máquina de escrever para ajudar no processo ensino-aprendizado em Braille. João Vitor está no primeiro ano, com a hipótese de escrita alfabética, lê e escreve em Braille, tanto com a reglete, quanto com a máquina. Hoje ele participa de ditados coletivos escrevendo na máquina, faz as atividades tanto de escrita das letras, como a dos números, com rapidez e habilidade como as demais crianças da turma. Faz perguntas sobre letra maiúscula, ponto final entre outras curiosidades da linguagem escrita, fazendo estarmos em constante aprendizado mútuo. Resultando assim, com a solicitação de João Vitor sendo cumprida e todos nós aprendendo e crescendo profissionalmente e particularmente através deste desafio.

ILUSTRAÇÕES



REFERÊNCIAS

ESPANHA. Ministério da Educação e Ciência de Espanha. Declaração de Salamanca. :UNESCO,1994.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 2008.

MANTOAN, Maria Teresa Egler. O desafio das diferenças nas escolas. Petrópolis, RJ: Vozes. 2009.

VYGOTSKY,L.S. Obras escogidas.Madri:Visor. 1993

Figura 1: João Vitor no primeiro dia da leitura remota em 2021; Figura 2:João escrevendo com a reglete positiva em 2022;

Figura 3:João Vitor escrevendo na máquina de escrever em Braille no ano de 2022.



Comunicação entre a equipe para uma rotina de sucesso com aluno com PC

Nara Cristina dos Santos Dias Jacinto

E. M. Professora Maria Clotilde Lopes Comitre Rigo, Praia Grande, SP, Brasil

Resumo: Ter alunos com deficiência é um desafio quando possuímos apenas a teoria e nenhum tipo de experiência. A vontade de atender as necessidades específicas de uma criança com paralisia cerebral, proporcionando um espaço acolhedor e propício para seu desenvolvimento foi o que impulsionou a comunicação contínua com toda a equipe pedagógica, buscando assim, mudar o histórico de agressividade que ela vinha apresentando durante o mês que ficou em uma turma no período da manhã. Os ajustes contínuos realizados a partir do diálogo entre a equipe possibilitaram que fosse estabelecida uma rotina visual, regras e reforço positivo, fazendo com que o aluno se desenvolvesse sócio emocionalmente.

Palavras-chave: Educação inclusiva. Equipe pedagógica. Rotina escolar.

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

O aluno aqui chamado de “E”, diagnosticado com paralisia cerebral, epilepsia e autismo, estudou presencialmente até março de 2020, depois disso permaneceu afastado da escola por conta do Covid-19. Mesmo com a liberação do retorno presencial parcial a partir de agosto de 2021, a família do menino optou por mantê-lo afastado. Somente no início de 2022 é que “E” regressa ao ambiente escolar, agora fazendo parte de uma turma de 5.º ano do ensino fundamental no período da manhã.

Após praticamente dois anos sem contato com outras crianças, além de seus irmãos, com uma nova atendente e também nova professora, “E” não consegue se adequar a tantas mudanças e externa reações negativas diárias, dificuldade de se manter em sala e até agressividade. Por isso, a gestão escolar e a família optaram pela mudança de turma e adaptação de horário.

Como professora regente da turma que receberia “E”, o primeiro passo foi averiguar com a atendente, que o acompanhava em 2019 e início de 2020, estratégias que pudessem contribuir com uma aceitação da rotina escolar e foi após essa conversa que uma rotina visual foi preparada para recebê-lo já em seu primeiro dia no período intermediário.

...não é o aluno quem deve adaptar-se à escola, mas, sim, é esta que, presume-se, deve tornar-se um espaço inclusivo, a fim de cumprir seu papel social, pedagógico e político na busca pela educação na diversidade. (PAN, 2013, p. 136)

O uso dessa rotina foi positivo porque permitiu a antecipação para que o aluno soubesse o que poderia ocorrer em cada dia letivo, porém ainda havia uma resistência no contato

com sua nova atendente, demonstrando dificuldades de interação, insistência para sair da sala não apenas nos momentos estipulados e isso tudo sempre ficava mais intenso nas últimas horas do dia, demonstrando agressividade não apenas com ela, mas também com os colegas e demais pessoas próximas

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
 RECREIO	 RECREIO	 RECREIO	 RECREIO	 RECREIO
 LIVRO	 LIVRO	 LIVRO	 LIVRO	 LIVRO
 EDUCAÇÃO FÍSICA	 ATIVIDADE	 EDUCAÇÃO FÍSICA	 ATIVIDADE	 ATIVIDADE
 ATIVIDADE	 BANHEIRO	 BRINQUEDO	 BANHEIRO	 BANHEIRO
 BANHEIRO	 ATIVIDADE	 ATIVIDADE	 ATIVIDADE	 ATIVIDADE
 BIBLIOTECA	 BRINQUEDO	 BRINQUEDO	 BRINQUEDO	 BRINQUEDO

A preocupação com “E” era sugerir diferentes formas de contribuir para a pega do lápis, já que foi percebido que a preensão trípole, a necessária para escrever, estaria um pouco distante de ser alcançada, sendo sua preensão atual provavelmente classificada como a pronada, “aquela em que a criança utiliza vários dedos para segurar o lápis e o movimento já não depende tanto do ombro. Antebraço e cotovelo são responsáveis por proporcionar o movimento”. (BICCOLOR, 2021)

A partir daí, em conversa com a assistente técnico pedagógica (ATP) de Educação Especial e Inclusiva, Laryssa Goulart, sobre o desenvolvimento do aluno, concluiu-se que o ideal seria alterar seu nível de aprendizagem para o de experimentação e estimulação, a ATP sugeriu então um leque de exemplos de atividades e materiais que poderiam ser trabalhados com ele. E assim, novamente sua rotina foi reorganizada para que “E” tivesse uma atividade significativa por dia.

...o professor deve proporcionar aos seus alunos espaços educativos nos quais possa ne-

gociar com eles as regras de convívio, permitindo aos membros do grupo criar um sentimento de pertencimento e oferecendo atividades diversificadas individuais e coletivas, de modo a favorecer a definição de um projeto pessoal do aluno. (LEITE, 2019, p. 30)

Outro ponto relevante foi seu relacionamento com os colegas. Desde sua chegada foi incentivado a cumprimentar a turma no início e fim da aula. Em alguns momentos “E” desejava fazer isso ao voltar do banheiro, por exemplo, o que não foi permitido, já que não havia essa necessidade. De início, ao sentir-se contrariado agia de forma negativa, mesmo quando eram explicados os motivos, mas aos poucos foi entendendo e percebendo que ninguém cederia.

Para ampliar o processo de socialização, o aluno sempre foi estimulado a participar de diversas atividades em grupo, o que contribuiu ainda mais com o processo de inclusão.



CONCLUSÃO

Com o passar do tempo, o aluno passou a chegar na escola esperando encontrar ao lado de sua mesa a lista com a rotina visual já fixada. A adaptação de horário minimizou drasticamente os comportamentos inadequados apresentados anteriormente. E as atividades significativas e de socialização ajudaram o aluno a se desenvolver positivamente.

Tudo isso foi possível graças à comunicação e comprometimento da equipe escolar e a participação da família na rotina escolar do aluno.

REFERÊNCIAS

CONHEÇA AS FASES DO DESENVOLVIMENTO DA PEGA DO LÁPIS. Bicolorir, 2021. Disponível em: <<https://www.bicolorir.com.br/pega-do-lapis/>>. Acesso em: 23 de setembro de 2022.

INCLUSÃO ESCOLAR E SUAS IMPLICAÇÕES: FACION, José Raimundo (org.). A formação de professores. Curitiba: InterSaberes, 2012.

LEITE, Célia Rodrigues. Psicomotricidade relacional e suas implicações na educação inclusiva. Curitiba: InterSaberes, 2012.

LEME, Fabiana. A importância da rotina na educação inclusiva. Inclutopia, 2019. Disponível em: <<https://www.inclutopia.com.br/l/a-importancia-da-rotina-na-educacao-inclusiva/#:~:text=Intercale%20atividades%20prazerosas%20para%20o,da%20rotina%2C%20colados%20nas%20plaquinhas.>>. Acesso em: 23 de setembro de 2022.

PAN, Mirian. O direito à diferença: uma reflexão sobre deficiência intelectual e educação inclusiva. Curitiba: InterSaberes, 2013.



Práticas Inclusivas na Educação Física



Aline Xanthopulo Rodrigues

Prefeitura Municipal da Estância Balneária de Praia Grande, Praia Grande, SP, Brasil

Regilene Maria do Santos Alvares

Prefeitura Municipal da Estância Balneária de Praia Grande, Praia Grande, SP, Brasil

Resumo: A Educação Física é um espaço privilegiado onde o professor desenvolve seu trabalho junto a todos os discentes na unidade escolar, tendo assim a oportunidade de desenvolver práticas inclusivas de forma global, de maneira espontânea. As práticas desenvolvidas nas aulas de Educação Física, tiveram como objetivos incluir a todos de forma lúdica e divertida. Ampliar a interação e a socialização de todos os estudantes, através de atividades corporais, utilizando-se de circuitos motores, brincadeiras tradicionais e criadas pelos estudantes com músicas, danças entre outras atividades.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Educação Física. Práticas inclusivas.

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Este trabalho foi desenvolvido ao longo do ano letivo de 2022, na escola municipal Gregório França de Siqueira, situada no município de Praia Grande – São Paulo, com os alunos público-alvo da Educação Especial e Inclusiva, inseridos nas turmas de Infantil 1 e 2 e 1º anos. As práticas desenvolvidas nas aulas de Educação Física, tiveram como objetivos incluir a todos de forma lúdica e divertida. Ampliar a interação e a socialização de todos os estudantes, através de práticas corporais.

As aulas de Educação Física, são planejadas, portanto, aplicadas com intencionalidade, levando em conta não apenas as dificuldades demonstradas por esses estudantes, mas principalmente em desenvolver suas potencialidades, respeitando sua individualidade.

As atividades são elaboradas de acordo com o que traz a BNCC que preconiza a cultura do movimento, bem como traz para as aulas de Educação Física os projetos do PPP da unidade escolar, são eles: “No mundo da leitura”; “Qualidade de vida na Educação Infantil”; “Valores para a Vida”.

São desenvolvidas atividades práticas, tais como: circuitos motores, brincadeiras tradicionais e criadas pelos estudantes, com músicas, danças entre outras. Também são aplicadas aulas teóricas utilizando lousa digital, sala de informática, rodas de conversas, de acordo com as temáticas das aulas. Nas quais as adaptações são feitas de acordo com as dificuldades das salas e não apenas dos estudantes público-alvo da Educação Especial e Inclusiva, beneficiando assim a todos, tornando efetivamente as aulas inclusivas.

Os estudantes público-alvo da Educação Especial apresentaram uma evolução na socialização, melhora significativa no condicionamento físico e motor, uma excelente adaptação à rotina escolar.

Neste presente trabalho foram destacados três alunos da unidade escolar, que são: Bernardo (autista - Infantil 1), Murilo (autista - 1º ano) e Yasmin (paralisia cerebral - 1º ano). A maior dificuldade do aluno Bernardo é a socialização, assim a escola teve a preocupação em realizar um trabalho de adaptação à rotina escolar. Bernardo desde o começo mostrou-se receptivo a professora de Educação Física, acompanhando-a até a quadra com facilidade. Na quadra ele gostava de ficar descalço e correndo. A professora de Educação Física realizou um trabalho comportamental e hoje, o aluno permanece calçado na quadra. Ele ainda apresenta algumas dificuldades na realização das atividades, mas realiza do seu jeito, partindo de suas habilidades. Ele já consegue ficar sentado, durante algum tempo, esperando a sua vez para brincar e iniciou o processo de interação com alguns alunos de sua turma.

As maiores dificuldades do aluno Murilo são: adaptações à rotina escolar e ao ambiente esportivo (quadra). Murilo não frequentou a Educação Infantil devido a pandemia, passou a frequentar a escola neste ano, no 1º ano. No começo ele apresentava dificuldades com a rotina escolar, através de um quadro de dificuldades em gerenciar suas emoções, utilizando-se de força física. Foi realizado um trabalho de adaptação à rotina escolar. Hoje, Murilo demonstra maiores períodos de autorregulação, conseguindo se adaptar à rotina escolar, à escola e às aulas de Educação Física, conseguindo ficar na quadra e realizar as atividades propostas.

A estudante Yasmin, apresentava dificuldades consideráveis, nas seguintes áreas: coordenação motora global e fina, equilíbrio. Yasmin não precisou de adaptação à escola ou a rotina escolar, somente precisou de uma atendente para ajudá-la em sua locomoção. Ela frequentou a Educação Infantil, apresentando dificuldades no decorrer do ano, em relação ao desenvolvimento motor. Quando ela voltou à escola, após a pandemia, apresentou um quadro de comprometimento motor acentuado. Houve a sugestão da aluna fazer uso de cadeira de rodas durante o período que ela estivesse na unidade escolar.

A professora de Educação Física começou a desenvolver com a Yasmin um trabalho com a bola de pilates de fortalecimento dos membros inferiores e a condicioná-la de quando for cair colocar os braços e mãos à frente para não bater o rosto ou a cabeça no chão. Este trabalho foi realizado ao longo do ano letivo, sempre no começo das aulas de Educação Física de sua turma, após ela realizava as atividades propostas.

Ao longo do ano, Yasmin apresentava períodos de melhora em seu desenvolvimento motor e em outros ela parecia com maior dificuldade. Independente disso, ela continuou a realizar os exercícios, porque o objetivo é desenvolver a autonomia de deslocamento. Hoje ela está conseguindo correr, apresentando desequilíbrios e quedas em menor número.

REFERÊNCIAS

COSTA, Vanderlei Balbino da. Inclusão escolar na educação física: reflexões acerca da

formação docente. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/motriz/a/9N9DKRd7ZZJXbNvYTR-D5hxb/?lang=pt>

ZERBATO, Ana Paula; MENDES, Elicéia Gonçalves. Desenho universal para a aprendizagem como estratégia de inclusão escolar. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/edu.2018.222.14125>

ILUSTRAÇÕES





Comprometimento – a chave do sucesso educacional no desenvolvimento das aprendizagens.

Bárbara Elizabeth Rodrigues da Silva
Secretaria de Educação (SEDUC), Praia Grande, SP, Brasil

Resumo: O trabalho desenvolvido foi elaborado ao longo do ano letivo e teve alguns objetivos traçados de curto, médio e longo prazo. Objetivos esses que tinham como principal meta o desenvolvimento da aluna que faz parte do quadro de público-alvo da Educação Especial e Inclusiva da rede municipal de ensino da cidade de Praia Grande. Partindo desse ponto, as atividades elaboradas foram pensadas, analisadas e reinventadas. Na confecção das atividades foram utilizados diversos materiais recicláveis. Essa prática educativa foi permeada por muito comprometimento e planejamento de acordo com propósitos educacionais, sociais, emocionais alinhados com o Projeto Político Pedagógico da escola, o Planejamento (semestral) e as Normas e Diretrizes da Educação Infantil.

Palavras-chave: Educação. Infantil. Inclusão.

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

A escola é uma das instituições sociais que tem como objetivo disseminar e propagar o conhecimento e inserida nela temos a educação inclusiva, modalidade de ensino, traz em seu ensejo um processo educativo social, ou seja, todas as pessoas devem ser escolarizadas. No entanto, a escolarização não deve ser feita por modelos tradicionais em que espera-se que as turmas sejam homogêneas, mas partir da premissa de que cada estudante é único, constituído de particularidades e diferenças. Sendo assim, cabe a todos, incluindo o espaço educacional, garantir, por meio de ações de equidade, a participação de todas as pessoas na sociedade.

Ao longo da história educacional, presenciou-se diversas lutas, conquistas, fóruns, leis, decretos, que permitiu ao professor uma compreensão maior sobre a inclusão com a disponibilização de diversos materiais bibliográficos que permitem ao professor continuar a sua formação intelectual, social e profissional.

Durante essa prática educativa, foi realizada uma sondagem que possibilitou o conhecimento mais aprofundado sobre a aluna e alinhado com os conceitos da Base Nacional Comum Curricular foram traçados os seguintes objetivos:

Valorizar a própria identidade;

Trabalhar com várias linguagens artísticas, culturais e plásticas que garantem um desenvolvimento na coordenação motora (fina);

Trabalhar com experiências que possibilitam o contato e desenvolvimento por meio da intensidade de sons, ritmos, formas, cores e traços;

Trabalhar com atividades através das experiências da leitura dos diversos tipos de textos;

- Ter independência e autonomia ao realizar as atividades;
- Maximizar as relações interpessoais e socialização;
- Comunicar-se de maneira que expresse seus desejos, sentimentos e suas dúvidas;
- Expressar-se de maneira livre através da pintura, música, colagem;

Traçados os objetivos, iniciou-se o planejamento das atividades por meio de um portfólio estruturado em folha A3, pois é um material maior e que permite trabalhar com mais liberdade e espaço para a realização das atividades propostas. Além dos materiais recicláveis para não limitar a exploração da aluna.

O trabalho com materiais diversos foi uma das maneiras de trazer para a aluna um repertório maior e mais dinâmico que não reduzisse suas possibilidades de aprendizagem apenas ao uso do papel.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular,

[...]o seu compromisso é com a educação integral. Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. (BRASIL, 2017, p.14).

O material confeccionado possui atividades para trabalhar a letra inicial do nome, vogais, números, formas geométricas, coordenação motora fina, identidade, autonomia, concentração e rotina.

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentimentos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, CNE/CEB, Resolução 05/09, artigo 4º, 2009a).

Nas atividades em folha A3 foram utilizados com giz de cera, tinta guache, pincel, lápis de cor, cola, diversos tipos de papel, barbante, etc. E para trabalhar a concentração e coordenação motora fina foi utilizado itens como prato de isopor, hastes flexíveis, macarrão, palitos de churrasco, tampinha de garrafa pet, massinha, etc.

A aluna no início de abril, no início do trabalho na turma, não tinha rotina definida, não compreendia a dinâmica da sala de aula, não desenvolvia as atividades propostas, levava todo e qualquer tipo de material até a boca, não se comunicava e não se expressava. Atualmente, a aluna demonstra um avanço significativo. Compreende a rotina da sala, não leva mais os materiais à boca (papel, lápis, giz de cera, massinha, etc.), realiza as atividades com auxílio e sem auxílio (geralmente atividades de concentração e coordenação motora fina, por exemplo, colocar as hastes flexíveis na letra inicial do seu nome) e se expressa/comunica com a professora e a Educadora do Desenvolvimento Infantojuvenil (EDIJ) e também com os colegas da turma.

O trabalho realizado ao longo do ano possibilitou que a aluna fosse protagonista, principalmente em atividades que trabalhassem a identidade, suas características individuais e

identidades de outros alunos.

Os materiais pedagógicos também podem ser aliados no desenvolvimento de um trabalho didático acessível, assim como podem se construir enquanto barreiras. Seu uso tem como finalidade tornar mais dialógica a relação entre aluno e aprendizagem, exigindo o mínimo de mediação possível, e isso deve funcionar para todos e não apenas para a maioria. Durante a sua produção ou escolha, é preciso, constantemente, refletir se aquele material pode ser compreendido autonomamente por todos. (GARCEZ, 2021, p. 149/150)

Os materiais foram criados para contemplar as necessidades educacionais da aluna e permitir o desenvolvimento pleno nas atividades propostas, permitindo que fossem realizadas com dedicação, mesmo quando necessário o auxílio. Promovendo assim, uma aprendizagem significativa de maneira mais autônoma da mesma.

REFERÊNCIAS

- AUGUSTO, Silvana de Oliveira. A experiência de aprender na Educação Infantil. In: FLORES, Maria Luiza Rodrigues et al (Org.). Implementação do Proinfância no Rio Grande do Sul: perspectivas políticas e pedagógicas. Porto Alegre: Edipucrs, 2015. Cap. 8. p. 111-118.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 2010. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/>. Acesso em 20.09.2020
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular: Proposta Preliminar Segunda Versão Revista. 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/bncc2versao.revista.pdf>>. Acesso em: 25 de Novembro 2020.
- _____. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, Senado, 1988.
- GARCEZ, Liliane. IKEDA, Gabriela. Educação Inclusiva de Bolso: o desafio de não deixar ninguém para trás. São Paulo: Arco 43, 2021.
- KRAMER, Sônia (Org.). O trabalho pedagógico. In: _____. Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil. São Paulo: Ática, 1993. P. 49-90.
- _____. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº9394, 20 de Dezembro de 1996.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. 2010. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 15 de Novembro 2020.
- _____, Proposta preliminar da Base Nacional Comum Curricular, 2º versão revista, 2015 .

ILUSTRAÇÕES





PRÁTICAS NA INFÂNCIA – MATERIAIS SENSORIAIS

Leandro dos Santos Araújo

Escola Municipal Idalina da Conceição Pereira, Praia Grande, São Paulo, Brasil

Resumo: Devido às grandes dificuldades enfrentadas em sala de aula para trabalhar com a inclusão escolar, foi necessário desenvolver atividades que permitissem realizar interações sociais com o intuito de promover o desenvolvimento de uma criança, aluno da Educação Infantil, com o Transtorno do Espectro Autismo – TEA e dos demais alunos da classe por meio de estímulos e desafios. Para promover isso, foram utilizadas atividades sensoriais como recurso facilitador para a estimulação dessa criança a fim de promover equidade de oportunidades de aprendizagens e desenvolvimento de habilidades. Ao final do projeto foi perceptível a evolução do aluno no âmbito escolar, que demonstrou o desenvolvimento de várias habilidades de forma a permitir uma interação significativa entre os envolvidos.

Palavras-chave: Interação social. Sensorial. Socioemocional.

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

A importância de oportunizar atividades sensoriais na infância é fundamental para o desenvolvimento de todas as crianças e, em se tratando daquelas com o Transtorno do Espectro Autista, se torna fundamental, pois muitas delas apresentam dificuldades em socializar. A socialização em sala de aula depende de diversos fatores, como, por exemplo: empatia, afeto, sinergia, carisma, interação, entre outras, e o objetivo de se trabalhar com tais atividades inclui, além do pedagógico, o desenvolvimento socioemocional através da integração sensorial.

Lira (2014) reforça a importância de se trabalhar através da regulação das habilidades sensoriais uma vez que, através delas, a interação social se desenvolve.

Diante desses desafios, as atividades sensoriais foram pensadas de forma a contribuir para a eliminação das lacunas de aprendizagens e socialização apresentadas pelo aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O educando apresentava, algumas vezes, problemas de autorregulação e, além disso, sua socialização era mínima, passava a maior parte do tempo em companhia de uma profissional de apoio. Esta profissional, por sua vez, era a única pessoa com quem a criança interagia, o que acabava criando uma dependência emocional e social da parte dela.

Com o intuito de criar vínculos afetivos entre a criança com o Espectro Autista e seus pares, as atividades sensoriais foram oferecidas a toda turma permitindo contemplar a todos culminando no resultado dessa proposta. A partir dessa percepção, as atividades propostas ofertavam situações em que os discentes precisavam trabalhar em conjunto para que a tarefa fosse realizada. Isso facilitou as relações interpessoais, cujo foco inicial era o desenvolvimento do aluno com TEA, todavia, foi notável a evolução da turma como um todo,

criando, assim, vínculos afetivos e participativos.



Figura 1 - fonte: acervo pessoal

Segundo Mantoan (2003), dentro do âmbito escolar, se faz necessário implantar uma nova ética que provém da individualidade e do social. Pensando nisso, as atividades que, a princípio, foram pensadas de maneira a se trabalhar com alunos do público alvo da Educação Especial, acabaram se tornando atividades coletivas que auxiliaram toda a turma em seu desenvolvimento socioemocional.

O desafio da classe era superar o individualismo que era latente entre eles. Cada aluno realizava tarefas e brincadeiras de forma individual. Sendo assim, foram oportunizadas atividades sensoriais, em duplas ou coletivas, com o objetivo de desenvolver a cooperação e a interação. O trabalho em equipe era a peça chave para que as atividades se realizassem. De acordo com Miglioranza (2003), a promoção de atividades lúdicas para pessoas com deficiência intelectual permite a exploração de possibilidades que poderiam ser desconhecidas, devido à limitação cognitiva. O estímulo e o desafio que os jogos e as atividades sensoriais proporcionam, criam um ambiente de aprendizagem sem que seja penoso ou punitivo.

A educação lúdica tornou-se a principal ferramenta para que, não somente que o desenvolvimento de um aluno especificamente se realizasse, mas também para todos os educandos que participaram, aprenderam, brincaram e com isso, desenvolveram habilidades sociais e interativas que antes não existiam. Sendo assim, é de suma importância reforçar a oferta de atividades sensoriais na infância, pois estas permitem o aprendizado de uma forma que, a responsabilidade de se aprender seja trocada pelo prazer em se aprender



Figura 2 - fonte: acervo pessoal

Além destes benefícios, a educação lúdica permite o trabalho da terapia de integração sensorial que, segundo Anita e Shelly (2001) é usada para explicar porque os indivíduos se comportam de determinadas maneiras, desenvolver um plano de intervenção para amenizar dificuldades particulares, e prever como o comportamento será alterado como resultado da intervenção. As informações sensoriais são coletadas por cada músculo, articulação e órgão vital que possuímos e o contato com determinados objetos, formas geométricas, utensílios e afins, permite o estímulo sensorial e o desenvolvimento dos cinco sentidos, popularmente conhecidos: tato, olfato, paladar, audição e visão.

A integração sensorial está ligada à organização cerebral que converge para o processamento de informações sensoriais que fornecerão respostas apropriadas ao conjunto de estímulos através de brincadeiras exploratórias, as informações obtidas contribuem para o processo de organização e integração.

Muitas crianças no espectro apresentam complexos padrões de sensibilidades sensoriais. Enquanto algumas são hipersensíveis, outras são hiposensíveis a primeira possui extrema sensibilidade ao som, toque e textura, enquanto a segunda possui pouca sensibilidade o que necessita de um maior estímulo para que este seja percebido. A ludicidade dentro do Espectro precisa respeitar essas características para que se adaptem ao educando, fornecendo assim, ferramentas e técnicas que contribuam para o seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- LIRA, A. V. A. Noções de Integração Sensorial na Escola: Orientações para Inclusão. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). 2014.
- MANTOAN, M. T. E. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.
- MIGLIORANZA, S. J. Capítulo II: 2 – O Lúdico na Aprendizagem e o Papel do Professor. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE. 2014. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.1. (Cadernos PDE).
- Murray, Anita C.; Lane, Shelly J.; Murray, Elizabeth A. (2001). Sensory integration. 2. ed. Philadelphia: F.A. Davis. ISBN 0-8036-0545-5



A Inclusão na Perspectiva das Diferenças: Respeito, Ludicidade e Interdisciplinaridade na Prática Educativa

Maria Carolina Lourenço Medeiros

E. M. Estado do Amazonas, Praia Grande, São Paulo, Brasil

Resumo: O projeto para essa turma potente, dinâmica e diversa parte da ideia de que para além de oferecer Educação para todos é preciso promover educação de qualidade, inclusiva, livre de preconceitos e que valorize as diversidades culturais, de saberes. A partir desses ideais, das concepções sobre infância e protagonismo infantil, da luta pela inclusão pautada na perspectiva das diferenças, das práticas interdisciplinares, dos grupos cooperativos e dinâmicas de ensinamentos baseadas no desenho universal de educação, na função de professora pesquisadora e emancipadora, busquei aprender com as crianças, cotidianamente, como instigá-las e ensiná-las de maneira não fragmentada, livre das amarras dos preconceitos. A maior motivação para o trabalho foi planejar uma rotina de práticas pedagógicas que valorizassem as potencialidades que cada criança da turma trazia consigo, o que gerou um acolhimento mais potente para as famílias das crianças em investigação, que diziam ter medo de suas crianças se sentirem excluídas e pouco funcionais na escola. As crianças em investigação tinham algo em comum: a dificuldade em se autorregular, a dificuldade em participar das atividades, vivências propostas e de socialização. A partir disso, buscou-se focar nos saberes que cada criança da turma trazia todos os dias e a partir daí criar os chamados “Grupos de Aprendizagem Cooperativas”, momento em que as crianças mostravam o seu potencial e aprendiam a ajudar e a serem ajudadas. Durante o ano as crianças e as famílias tiveram a oportunidade de descobrir o prazer de cooperar, de aprender um pouco sobre o como as crianças aprendem e o como todos nós temos facilidades e dificuldades, sendo todos capazes de colaborar de maneira ativa na construção do conhecimento próprio e do outro.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Interdisciplinaridade. Protagonismo Infantil.

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Acredito que uma sala de aula inclusiva precisa se livrar das amarras de um planejamento inflexível e se abrir para as inúmeras possibilidades que crianças pensantes e curiosas podem oferecer. Para isso é necessário compreender aonde se quer chegar, quais as concepções de educação, quais os objetivos, o que significa infância, criança, o como elas aprendem. Pensando nisso, conto com a ajuda de muitos pensadores e também busco resgatar o conceito de Improviso que parte da Reflexão na Ação, trazido de maneira brilhante por Campos (2013), momento em que se destaca o Improviso responsável do professor pesquisador que a partir do repertório estudado ao longo da vida consegue ter a sensibilidade necessária para que as crianças sejam exploradoras, guiando o como melhor podem aprender, nos ensinando assim à ensiná-las.

Pensar na ideia de inclusão ainda é necessário para combater o preconceito exis-

tente na sociedade, mas é importante salientar que o grande sonho é que um dia todos possam ser respeitados com as suas diferenças, tendo a oportunidade de agir e transformar o mundo com seus diversos saberes e maneira de compreender a existência, a vida. Valorizar o protagonismo infantil, compreender que somos seres não fragmentados, lutar para que as crianças se sintam pertencentes à escola e sejam respeitadas, colaborativas, cria um ambiente acolhedor, logo, inclusivo.

A concepção da inclusão na perspectiva da diferença, bem desenvolvida por Mantoan (2003), é elemento principal de todas as reflexões e ações realizadas por e com essa turma, já que buscamos compreender que todos sabemos algo e que é necessário respeitar as diferenças de todos e com isso aprender.

Para pensar em Inclusão cito Mantoan (2003, p. 10) que diz: "Temos que saber aonde queremos chegar para encontrar um caminho, porque não existe o caminho, mas caminhos a escolher, decisões a se tomar. E escolher é sempre correr riscos." Acredito em uma visão de inclusão que não exclua na prática, e para isso me aprofundar em como as crianças aprendem, o que é infância, como respeitar as culturas infantis. Busquei entender como o espaço arquitetônico, a disposição dos móveis, e a forma da minha maneira de agir poderia incluir ou excluir. Com isso, percebi que a inclusão não acontece quando se sente a única pessoa diferente, mas sim quando ela é tratada com igualdade a partir das suas diferenças. Ela se sente pertencente a um espaço que não a rotula como algo estranho, mas sim como alguém que está lá de maneira útil, importante, ativa. O planejamento para esta turma surgiu após essas breves reflexões feitas por mim por meio do poema a seguir:

Do se sentir Pertencente - reflexões iniciais.

Não consigo ficar parado. Não desejo estar em grupo. Tenho medo, fico irritado. Muitas vozes, não me perturbem.

Eu queria ser respeitado, eu queria ser compreendido, eu queria ser enxergado.

O discurso: ele não tem jeito.

Não aceito, sou um ser vivo!

Ser humano cheio de graça, encantado com o existir.

Me desculpem os capacitistas, mas eu irei Resistir!

No discurso do Somos todos iguais

Algumas coisas se tornam banais.

Se torna desleal

Competir com os "normais".

Eu não sou Fragmento,

Eu sou inteireza

Eu sonho estar num mundo

Que respeite as diferenças.

Quando cheguei na escola às vezes eu me sentia tão sozinho,

Alguns não percebiam que mesmo no meu mundinho
Eu criava, eu produzia, me encantava com o que lá tinha.
Eu queria ser amado,
Ser abraçado e respeitado.

Mamãe tinha medo de ninguém me respeitar,
Mas fomos todos acolhidos pelo Brilho no olhar.
Abraçar, olho no olho
Não tem preço a pagar,
É por isso que a saudades chega sem se convidar

O Benício foi embora,
Baita falta ele fez
Mas tudo isso nos ensina o impacto que ele Fez.

Antes era Não lugar,
Agora a escola é meu lugar.
Pertença no aconchego,
E na Esperança de Amar.

Quando choro, me ensinaram:
Tudo bem ficar tristonho!
Tenho amigos que consolam,
Me animam, me motivam.

Afeto é Existência,
Diferença é a Essência!
No aconchego dos amigos,
Descobri minhas potências.
Meus saberes são incríveis,
Eu ensino e Aprendo
E nesse movimento,
Vivo em Maravilhamento!

As vivências e atividades adaptadas não foram voltadas apenas para as crianças público-alvo da Educação Especial e Inclusiva, mas para todas as crianças que necessitavam dessa adaptação.

A proposta para essa turma foi tornar o cotidiano de aprendizado dinâmico, lúdico e interdisciplinar. Todo o planejamento foi pensado a partir dos interesses principais da turma para então se desdobrar em vivências que semanalmente se ampliam ou retomam o que ainda não foi aprendido. A ideia de aprender por meio de vivências repletas de movimento, curiosidade e pesquisa permeia os planejamentos para essa turma com a intencionalida-

de de promover mais interação entre as crianças que possuem mais dificuldade de socialização e de participarem em atividades calmas. Outro ponto importante são os grupos colaborativos e o Painel de Saberes que geram senso de respeito e pertencimento entre as crianças da turma, pois não aceitamos que ninguém fique de fora.

Essa turma é dinâmica e possui crianças com personalidades e saberes extremamente diferentes, sendo assim, trabalhamos o senso de cooperação e respeito às diferenças durante as atividades e vivências. Realizamos as atividades do livro e alguns desafios em grupo com papel, canetas, lápis, diversos materiais não estruturados. Após esses momentos no qual todos têm a missão de se ajudarem, passamos a maior parte do período vivenciando experiências que potencializam as habilidades e conteúdos vivenciados de maneiras lúdicas e divertidas, acompanhando o ritmo deles.

As rodas de conversa e cantinhos foram o centro das nossas aulas, pois sempre planejamos juntos na segunda-feira o que gostaríamos de fazer ao longo da semana. As ideias são trazidas e desenvolvidas com eles. Demonstraram-se muito e empolgados durante a semana toda a espera dos combinados de segunda, - isso ajuda a aliviar a ansiedade de algumas crianças- mas quase sempre tudo se transforma para além das nossas expectativas.

Além das atividades dos livros, revisamos tudo de maneira interdisciplinar, então baseado nas ideias de brincadeiras e coisas que elas gostariam de fazer ao longo da semana eu crio um contexto lúdico com histórias e personagens e a nossa semana se inicia. Fizemos uma roda onde conto sobre a Fada Marceline (que já faz parte da turma e sempre aparece iluminando a nossa turma com pó de "Pirimpimpim" - glitter enviando na carta - e nos apresenta um desafio) retornou nos escrevendo sobre suas brincadeiras e hobbies preferidos. Criamos um texto coletivo e respondemos a carta a ela contando sobre nossas brincadeiras e jogos favoritos. A partir disso, convidei as crianças para votarmos em nossas brincadeiras favoritas e criarmos uma nova brincadeira a partir da escolhida. A brincadeira escolhida foi "esconde-esconde" e "roda de música", então, a partir disso criamos uma brincadeira musical juntos, no qual deveríamos procurar os amigos cantando uma música. A partir de então, criamos o hábito de inventar músicas, ritmos e brincadeiras.

A imaginação se desenvolve, as crianças contam histórias, nós dançamos, brincamos, pesquisamos. Também criamos outras brincadeiras juntos. As crianças adoram dar sugestões de regras para jogos, de letras para criação de músicas e novos ritmos de brincadeiras. Maneiras diferentes de jogar bingo, como por exemplo o bingo com tinta e pincel que elas adoram e aprendem muito. Escrevemos frases e muitas palavras com vogais no chão, inventamos algum brinquedo, nem que seja uma injeção com massinha ou uma peteca de papel, a criação precisa estar presente todas as semanas. Demos nomes para as personagens e escrevemos esse nome, etiquetamos vários objetos, procuramos objetos pela escola com as letras que aprendemos, dançamos, nos unimos para coletar objetos naturais para depois contarmos juntos e desenharmos os números, observamos as sombras mudando com a posição do sol.

Durante o ano, realizamos alguns (re)planejamentos, as adaptações necessárias. As votações e rodas de combinados que fizemos para construirmos uma sala de aula respeitosa e com a nossa cara. Aulas que respeitam as crianças, pois considera as especificidades

existentes nesse chão tão precioso que é o da Escola. Eu aprendi com as crianças o como ensiná-las!

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Cristina Maria. Cumplicidade e fantasia na composição do trabalho docente: as narrativas pedagógicas no cotidiano escolar. Unicamp, 2016.
- FREINET, C. Ensaios de Psicologia sensível. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FREIRE, Paulo. Papel da educação na humanização, 1997. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org/xmlui/search?fq=location.coll%3A6>. Acesso em: abr. 2022.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 2ª imp. 43ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.
- GERALDI, João Wanderley. A aula como acontecimento. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- MALAGUZZI, Loris. Histórias, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As cem linguagens da criança. Porto Alegre: Artes Médica, 1999.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer? (Coleção cotidiano escolar) São Paulo, SP: Moderna, 2003.
- RANCIÈRE, Jacques. O mestre ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2002.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). Epistemologias do sul. 2.ed. Coimbra/Portugal: Edições Almedina AS/CES, 2010.



A escola de mãos dadas com a diversidade

Najara Luciana Luccas

E.M. Ruth Vilaça Correia Leite Cardoso, Praia Grande, SP, Brasil

Erica Abrahão de Moura

E.M. Ruth Vilaça Correia Leite Cardoso, Praia Grande, SP, Brasil

Resumo: A inquietação das famílias em relação ao início da vida escolar das crianças gera insegurança e dúvida em como essas serão recebidas e tratadas na escola, além da falta de aceitação por parte de alguns membros da família no que se refere às deficiências, obrigatoriedade da matrícula e da frequência na Educação Infantil. Neste sentido é fundamental a inclusão educacional para que os discentes possam conviver, desenvolver autonomia, criar laços de amizade, ampliar suas habilidades físicas, emocionais e cognitivas, adquirindo o sentimento de pertencimento e o entendimento da relevância das relações sociais. O cuidado em apresentar a escola como um ambiente mágico, acolhedor e seguro, onde exista a preocupação em acolher as famílias e educandos, fortalecendo esta relação e combatendo qualquer forma de discriminação, foi a nossa motivação para a elaboração do trabalho. Com o desejo de contribuir para a aceitação, respeito mútuo e socialização, construindo o processo ensino-aprendizagem de modo agradável, onde as crianças aprendam brincando, são utilizados jogos, brinquedos diversos, lousa digital, músicas, danças e brincadeiras, proporcionando conhecimento e diversão!

Palavras-chave: Família. Acolhimento. Pertencimento.

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Apresentar para as famílias do Infantil 2 C da unidade escolar Ruth Cardoso, a importância da escola e diferentes possibilidades de interação e aprendizado, de modo que os ensinamentos sejam significativos, visando o entendimento e percepção dos nossos alunos para a construção de uma sociedade que seja capaz de aceitar e permitir que a diversidade caminhe de mãos dadas, nos impulsiona a trabalhar diariamente com carinho e dedicação.

É possível observar que a inclusão realmente aconteceu em nossa turma pautada na união, respeito e amor, pois quando as pessoas adentram a sala de aula, demoram para perceber quais são os três alunos público-alvo da Educação Especial e Inclusiva.

Por intermédio de atividades diárias que contribuem para o desenvolvimento da interação, respeito às diferenças pessoais, autonomia, estabelecimento e fortalecimento de valores e vínculos, cooperação e participação, visamos que o processo ensino-aprendizagem seja construído paulatinamente, respeitando o tempo e modo de cada um aprender.

No intuito de estimular a imaginação, criatividade e alcançar as metas estabelecidas, são utilizados jogos, brinquedos diversos, lousa digital, danças, músicas e brincadeiras, tornando o âmbito escolar lúdico e divertido!

Iniciamos com atividades voltadas ao desenvolvimento das habilidades socioemocionais, por meio de músicas, danças, pinturas e leituras, para que as crianças pudessem compartilhar suas vivências, sentindo-se confortáveis.

Trabalhamos a dinâmica “Receita do Monstrinho” para que percebessem que um mesmo comando pode ter diferentes interpretações, pois cada ser é único e traz consigo suas percepções de mundo.

Simultaneamente foram desenvolvidos jogos com regras e brincadeiras para estimular as habilidades do diálogo e para a resolução de conflito, assim como a empatia e o respeito entre toda a turma.

As diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, enfim, a diversidade humana está sendo cada vez mais desvelada e destacada e é condição imprescindível para se entender como aprendemos e como compreendemos o mundo e a nós mesmos. (MANTOAN, 2003)

Dando sequência às atividades, disponibilizamos um espelho na sala de aula, para que um a um pudesse observar-se, valorizando assim, suas características físicas e em seguida foi solicitado um desenho (autorretrato).

Dentre as diversas datas comemorativas, o Dia Mundial da Conscientização do Autismo foi trabalhado visando o entendimento dos alunos, pois compõem nossa turma três estudantes com diagnóstico de TEA e por meio de vídeos, pintura em material impresso e confecção de cartaz, colecionamos momentos inesquecíveis.

Desenvolvemos a receita de uma salada de frutas para aguçar os sentidos, enfatizando as cores, aromas, texturas e sabores, respeitando, mas buscando diminuir a seletividade alimentar.

O livro “O Segredo da Joanelha” foi utilizado por meio de conto e reconto, elaboração de lista de palavras, confecção de uma escultura com a técnica papietagem, de capinhas para uso das crianças e ilustrações, mas ao contrário do que esperávamos, a turma não associou a personagem principal da história (a Joanelha cujo segredo era ter apenas a asinha do lado esquerdo) à aluna Alice que nasceu com o globo ocular esquerdo menor que o normal, demonstrando que todos somos iguais em ser diferentes e que para a turma as características físicas não são tão relevantes, pois “o que importa é o amor”.

Fugindo um pouquinho do usual, os pais realizaram uma apresentação musical para as crianças, contribuindo para a ampliação do afeto e respeito, assim como, o sentimento de pertencimento ao ambiente escolar.

No decorrer do processo foram elaborados portfólios para serem entregues às famílias dos alunos autistas, no intuito de ser observada a trajetória evolutiva ao longo do ano pois “O conhecimento evolui por recomposição, contextualização e integração de saberes em redes de entendimento, não reduz o complexo ao simples, tornando maior a capacidade de reconhecer o caráter multidimensional dos problemas e de suas soluções.” (MANTOAN, 2003) e se faz necessário avaliar o processo, além de se tornar uma linda recordação desta etapa tão importante da escolarização.

Finalizamos as atividades com a grafia, declamação e apresentação do poema “As Bor-

boletas” de Vinicius de Moraes e performance da música Borboletas do professor Nelson, acontecimento marcante para a família E.M. Ruth Cardoso, pois conseguimos com leveza abordar as diferenças, plantando sementinhas nos corações de todos que estavam presentes, para que juntos possamos construir uma sociedade melhor, para que realmente nossos alunos pratiquem valores tornando-se cidadãos que façam a diferença e seguirmos acreditando... até que todas as peças se encaixem!

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.

Estatuto da Criança e do Adolescente. Brasília: Diário Oficial da União, 1990. BRASIL

MANTOAN, Maria Teresa Eglér Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer? / Maria Teresa Eglér Mantoan. — São Paulo : Moderna , 2003.

MORAES, V. de. As Borboletas, Rio de Janeiro, 1970.

VEIRA, Maria Cristina - O segredo da Joanhinha - Birigui:Terra do saber, 2018.

ILUSTRAÇÕES





Ser diferente é normal

Nilza Maria de Oliveira.

E. M. Newton de Almeida Castro, Praia Grande, SP, Brasil.

Resumo: O presente projeto foi desenvolvido na Unidade Escolar envolvendo os alunos do Infantil 1 D, com o intuito de promover o aprendizado sobre a inclusão diante do contexto social de exclusão. Diante do trabalho realizado a partir da história: “O Segredo da Joa-
ninha de Maria Cristina Vieira”, o projeto buscou salientar as diversas formas de como as crianças com comprometimentos físicos, sensoriais e/ou cognitivos são incluídas na escola, identificando conceitos e iniciativas no contexto inclusivo, promovendo uma reflexão acerca deste processo. Por conseguinte foram realizadas rodas de conversas com os alunos, entre outras atividades em grupo. O projeto abordou as diferenças em formato lúdico e foi realizado um bate-papo informal por meio de vídeo com a participação da Coordenadoria da Educação Infantil, Equipe Gestora da Unidade Escolar e a autora do livro que explicou a história e seus personagens.

Palavras-chave: Inclusão, Diferença, Educação Infantil.

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

Nesse projeto, as crianças foram incentivadas a respeitar e conviver com as diferenças e deficiências, a reconhecer por meio de atividades lúdicas, as dificuldades enfrentadas pelas pessoas, a desenvolver a solidariedade, a afetividade e a compreender a importância do saber auxiliar o próximo.

Tratar as pessoas com dignidade é a melhor maneira de desenvolver o respeito, aumentando a inclusão.

A inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. Os alunos com deficiências constituem uma grande preocupação para os educadores inclusivos. (MANTOAN, 2005)

Este projeto foi realizado com base no Livro “O Segredo da Joaquinha” de Maria Cristina Vieira. Depois que os alunos ouviram a história, montamos pequenos grupos onde eles puderam olhar o livro e recontar a história para os coleguinhas. Também foi mostrada imagens de diversas pessoas, onde os alunos destacaram as diferenças mais visíveis (cadeira de rodas, alto, baixo, cego).

A equipe gestora conseguiu o contato da autora do livro: “O Segredo da Joaquinha” que retrata as diferenças em formato lúdico e realizamos um bate-papo informal por meio de vídeo com a participação da Coordenadoria da Educação Infantil, no qual a autora expli-

cou a história e as personagens.

Na conversa com os alunos, o foco incidiu sobre as próprias diferenças e semelhanças em relação aos colegas. O que foi falado era anotado em um caderno. Os alunos fizeram ilustrações de acordo com o que foi conversado com a turma. Os desenhos foram compartilhados cada um no seu caderno, usando sua criatividade explorando as diferenças.

Colocamos os desenhos em lugares visíveis da escola para que todos pudessem visualizar as nossas diferenças, e a importância de sermos quem somos. Os alunos mostraram aos familiares as fotos, destacando as suas diferenças, mas sempre enfatizando que “Ser diferente é normal”. De acordo com Haddad (2005), “o benefício da inclusão não é apenas para crianças com deficiência, é efetivamente para toda a comunidade, porque o ambiente escolar sofre um impacto no sentido da cidadania, da diversidade e do aprendizado”.

Acreditamos que uma Escola inclusiva adota práticas baseadas na valorização da diversidade humana; no respeito pelas diferenças individuais; no desejo de acolher todas as pessoas; na convivência harmoniosa; na participação ativa e central das famílias e da comunidade local em todas as etapas do processo de aprendizagem e, finalmente, na crença de que todas as pessoas, tem uma contribuição significativa a dar a si mesma, às demais pessoas e à sociedade como um todo.

Este trabalho foi importante para os alunos porque mostrou que há singularidade entre as pessoas, e que todos nós devemos ser respeitados pelo que somos. Os alunos puderam perceber que não há problema algum em ser diferente.

REFERÊNCIAS

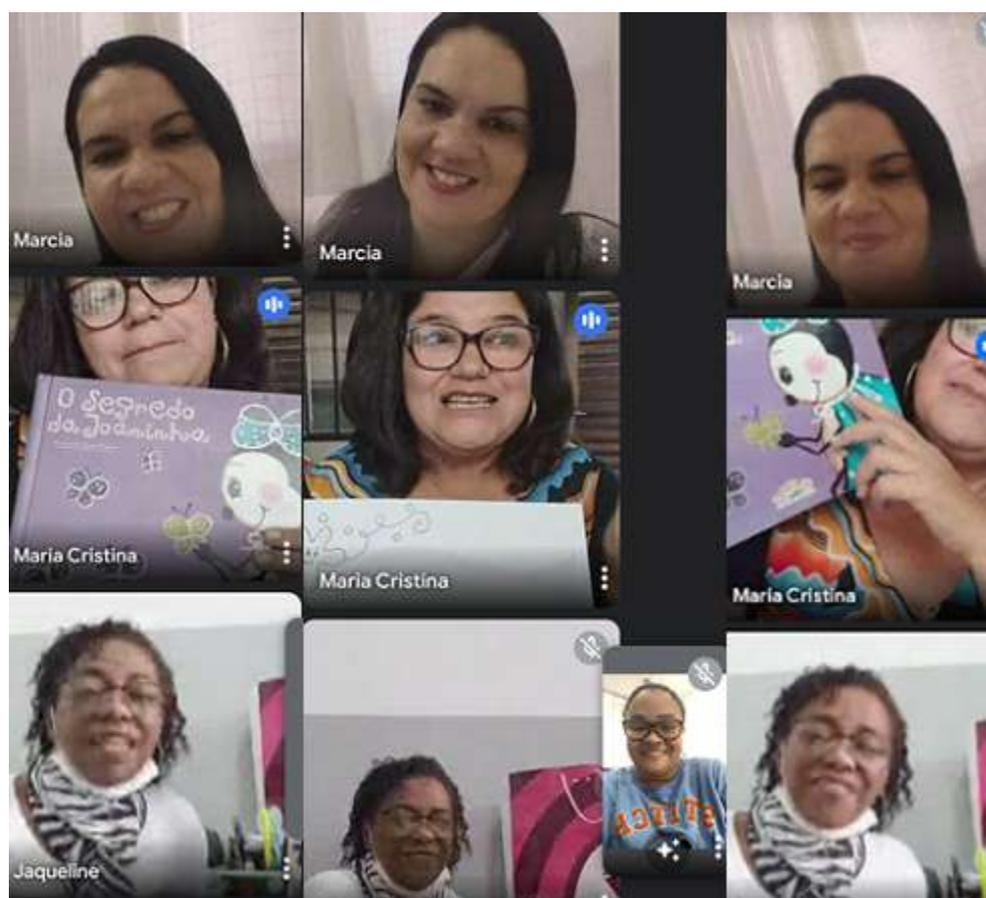
HADDAD, Fernando. Entrevista. In: Inclusão: Revista da Educação Especial, v. 1. Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2005.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças. Revista Escola, edição 182. São Paulo: Editora Abril. 2005.

_____. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? 2ª edição. São Paulo: Editora Moderna, 2005.

VIEIRA, Maria Cristina. O segredo da Joanhinha. Contada por: Vera Borges Bibliotecária do SESI de Bauru.

ILUSTRAÇÕES:





Ferramentas potencializadoras de elaboração e adaptação de atividades para sala de aula

Sidney Silva Santos

E. M. São Francisco de Assis (SFA), Praia Grande, SP, Brasil

Fabio de Paula Pires

E. M. São Francisco de Assis (SFA), Praia Grande, SP, Brasil

Luciana Santos

E. M. São Francisco de Assis (SFA), Praia Grande, SP, Brasil

Resumo: Este artigo tem por finalidade evidenciar o uso de diversas ferramentas para a elaboração e adaptação de atividades voltadas para o ensino e aprendizagem de conteúdo escolar. Apresentamos três atividades desenvolvidas pelos docentes da E. M. São Francisco de Assis, direcionadas a estudantes com deficiência dos anos finais do ensino fundamental, na intenção de garantir o acesso à aprendizagem. Elas foram criadas a partir da utilização de aplicativos, plataformas de ensino e jogos on-line, na qual sua utilização permitiu explorar de forma significativa a Linguagem Brasileira de Sinais, imagens coloridas e dinamismo de imagens envolvendo o estudante em um processo formativo divertido, competitivo, desafiador e ativo.

Palavras-chave: Atividades Adaptadas. Educação Inclusiva. Ferramentas Potencializadoras.

INTRODUÇÃO

O mundo atualmente enfrenta diversos desafios para se adaptar à nova realidade do que se tem chamado de “novo normal”. Nosso tempo, agora, se divide entre antes e depois da pandemia causada pelo coronavírus, a partir de 2019. As pessoas, de modo geral, enfrentarão as consequências provocadas por esse período que atravessamos, o qual não é possível estimar um prazo de término, e que, obviamente, todas elas sairão diferentes deste cenário e, por isso, as suas rotinas, relacionamentos (pessoais e interpessoais), manias, hábitos, relações sociais e outras questões em suas vidas mudarão.

Na Educação, este cenário se repete e a escola se depara com muitos desafios num mundo pós-pandemia: a evasão escolar, alunos sem acesso à internet que não acompanharam as aulas on-line, pais e responsáveis que muitas vezes não são alfabetizados e que não conseguiram auxiliar seus filhos, alunos com aprendizagens diferentes em relação aos colegas, alunos que não desenvolveram suas relações interpessoais, de se relacionar com o outro, e que, portanto, ao retornarem, o convívio entre os pares precisou ocorrer de modo

a intensificar ainda mais as ações colaborativas e cooperativas entre eles.

Nessa direção, entendemos a necessidade de evidenciarmos a inserção de alunos com deficiência dentro do ambiente escolar. Mudamos a escola para receber, entender, respeitar e atender às necessidades de todos e todas que fazem parte dela. A inclusão não pode se restringir apenas a um grupo específico, ela abrange, ou pelo menos deveria abranger todos os grupos sociais.

Em uma escola inclusiva não importa a classe social, condição econômica, gênero, origem (geográfica, étnica, linguística, religiosa, educacional), diferenças quanto sua aparência, sua habilidade sensorial, mental, auditiva, física, orientação sexual, ou de qualquer outra natureza. Adaptamos o ambiente escolar com a intenção de atingir todos os estudantes manifestando senso de justiça.

Freire (2020) destaca que o “[...] educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (FREIRE, 2020, p. 28), de modo a respeitar a diversidade de nossos alunos.

O autor nos orienta ainda que ensinar exige saber escutar atenta e cuidadosamente as crianças, os jovens e os adultos e acrescenta:

não é falando aos outros, de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele, mesmo que, em certas condições, precise falar a ele. (FREIRE, 2020, p. 111, grifos do autor)

Esse saber torna-se necessário ao ofício da profissão docente, contudo, não basta escutar somente com os ouvidos demonstrando desinteresse e desvalorizando o narrado pelo aluno. Há de construir uma escuta que mobilize todos os sentidos, que amplie a confiança nas relações, que refine as suas curiosidades, que reduza os desentendimentos e considere suas necessidades, possibilitando melhor desempenho e interação dos estudantes.

Esse escutar e olhar sensível fortalece as relações e possibilita a inclusão de pessoas. A escola inclusiva é uma escola comum que acolhe todos os tipos de alunos, independente das diferenças, nela, são criadas situações que favoreçam e respeitem os diferentes ritmos e estilos de aprendizagem de alunos e professores (FERREIRA, 2018).

A inclusão pressupõe a participação de todos. Não basta teorizá-la, precisamos diminuir, ou ainda, erradicar, a distância entre o que falamos e fazemos, só assim mudamos as pessoas; essas ações começam também dentro da escola e ultrapassam seus muros. Não há inclusão se não houver transformação e conscientização de pessoas, ou ainda, não há inclusão verdadeira e plena se a transformação não for contínua, consciente e concreta.

Para que a inclusão ocorra, faz-se necessário que o professor repense e ressignifique suas “estratégias de ensino para não ficar preso ao espaço delimitado na sala de aula, faz-se necessário repensar as práticas pedagógicas até mesmo numa nova gestão da classe” (SILVA; ARRUDA, 2014, p. 6).

Desse modo, este artigo tem por finalidade evidenciar a importância do uso de diversas ferramentas (aplicativos, plataformas e jogos on-line) para a elaboração e adaptação de atividades direcionadas para o ensino e aprendizagem de conteúdo escolar. Elas foram

criadas (BRASIL, 1996) para os alunos que fazem parte do público-alvo da Educação Especial e Inclusiva, matriculados nos anos finais do ensino fundamental da E. M. São Francisco de Assis, durante o ano de 2022.

Com as atividades foi possível envolvermos os estudantes em contexto inclusivo, no qual criamos/adaptamos as condições necessárias para que ocorresse a inserção nos processos de ensino e aprendizagem, bem como nos contextos escolar, social, histórico e tecnológico, respeitando suas diferenças e lhes proporcionando condições de desenvolvimento e acessibilidade ao ensino.

DESENVOLVIMENTO

Entre as práticas pedagógicas que desenvolvemos, com a finalidade de proporcionar um ambiente escolar inclusivo para nossos alunos com deficiência, apresentamos, a seguir, uma atividade adaptada utilizando o Google Forms.

POEMA

INFÂNCIA

MEU PAI MONTAVA A CAVALO. LÁ PARA O CAMPO. MINHA MÃE FICAVA SENTADA COSTURANDO. MEU IRMÃO PEQUENO DORMIA. EU SOZINHO MENINO ENTRE MANGUEIRAS LIA A HISTÓRIA DE ROBINSON CRUSOÉ. COMPRIDA HISTÓRIA QUE NÃO ACABA MAIS. [] LÁ LONGE MEU PAI CAMPEAVA NO MATO SEM FIM DA FAZENDA.

01) OBSERVE A IMAGEM. ELA PODE SER BEM PARECIDA COM A VIDA DO MENINO QUE ESTÁ NA HISTÓRIA DO POEMA. QUE ANIMAL APARECE NA HISTÓRIA?

() PORCO

() CAVALO

() VACA

() CABRA

Figura 1 – Atividade desenvolvida no Google Forms

Fonte: elaborada pela professora de Língua Portuguesa

Essa atividade foi aplicada de forma virtual dentro do Classroom com o auxílio do chromebook. Trata-se de uma atividade que leva em consideração a Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS), tanto no enunciado quanto nas alternativas, e permite que o aluno visualize, por meio das imagens coloridas, o animal que pertence à história. Além da adaptação do conteúdo, ela traz o enredo em forma de personagens desenhados. A utilização do Google Forms permite ao aluno interagir com a tela de forma dinâmica.

A seguir temos outra atividade que foi criada e desenvolvida com todos os alunos, agora, utilizando o aplicativo Plickers.



Em uma sala de aula há 30 alunos,
dos quais 40% são meninas. Quantas
meninas têm na sala?

- A 10 meninas
- B 12 meninas
- C 15 meninas
- D 18 meninas



Figura 2 – Atividade desenvolvida no Plickers

Fonte: elaborada pelo professor de Matemática

Esse tipo de atividade valoriza a colaboração e interação entre os estudantes respeitando suas experiências e o tempo de aprendizagem de cada aluno. O professor projeta a questão na lousa digital, solicita ao aluno que escolha a alternativa correspondente e, em seguida, escaneia as respostas dos alunos usando o celular. O aplicativo mostra em tempo real o quantitativo de alunos que acertaram a atividade. Além de explorar o conteúdo de forma divertida e desafiadora, mostrando as potencialidades do uso consciente do celular, com o auxílio do App foi possível trazer dinamismo para sala de aula.

Também desenvolvemos atividades utilizando o Kahoot, conforme segue.



Figura 3 - Atividade adaptada no Kahoot

Fonte: elabora pelos professores da U. E.

Essa atividade é explorada por meio do jogo on-line Kahoot. Além de muito visual, envolve todos os alunos em um processo formativo e competitivo, o qual permite aos estudantes a conviverem com vitórias e derrotas. A plataforma Kahoot é baseada em jogos e seu funcionamento consiste basicamente em proporcionar a criação de Quizzes para que os alunos respondam instantaneamente, favorecendo assim a assimilação do conteúdo de forma divertida e dinâmica. Com isso, os estudantes desenvolvem diversas habilidades cognitivas e emocionais.

Consideramos que as mudanças são fundamentais para a inclusão, mas é preciso que todos se envolvam, permitindo que a escola possa ser vista como um ambiente de construção de conhecimento, deixando de existir a discriminação e, em contradição a ela, que prevaleça o respeito pela diversidade.

Nessa perspectiva, as atividades apresentadas são um pequeno recorte de como os docentes da E. M. São Francisco de Assis têm utilizado ferramentas diversas para permitir que os estudantes tenham acesso à educação de qualidade. Elas foram criadas a partir da utilização de aplicativos, plataformas de ensino e jogos on-line, na qual foi explorada de forma significativa a Linguagem Brasileira de Sinais, imagens coloridas e dinamismo de imagens envolvendo os discentes em um processo formativo lúdico, competitivo, que ativamente proporcionou desafios ativos. Permitindo aos alunos desenvolverem diversas habilidades cognitivas e emocionais.

Contudo, entendemos que essas atividades foram fundamentais e indispensáveis para proporcionar aos estudantes um espaço de formação pautado no seu protagonismo. O uso de diferentes ferramentas para elaboração e adaptação das atividades foi um potencializador primordial a ser considerado na construção de situações de aprendizagem para todos os alunos, principalmente aqueles com deficiência.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 21 dez. 2022.

CUNHA, G. Plickers: uma ferramenta feita para professores que amam ensinar sem enrolar. Aula Incrível, 2017. Disponível em: <http://aulaincrivel.com/plickers/>. Acesso em: 21 Dezembro 2022.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 63. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2020.

FERREIRA, Felipe. Educação inclusiva: quais os pilares e o que a escola precisa fazer? Atualizado em: 29 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.proesc.com/blog/educacao-inclusiva-o-que-a-escola-precisa-fazer/>. Acesso em: 2 jun. 2022.

SILVA, Ana Paula Mesquita da; ARRUDA, Aparecida Luvizotto Medina Martins. O papel do professor diante da inclusão escolar. Revista Eletrônica Saberes da Educação, v. 5, nº 1, 2014. Disponível em: http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Ana_Paula.pdf. Acesso em: 8 maio 2022.

